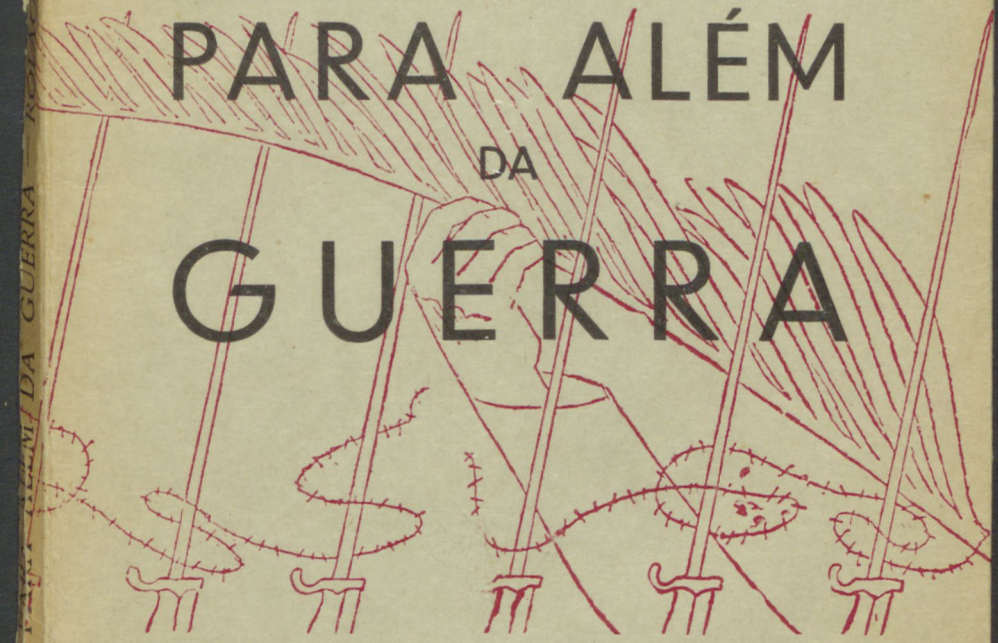
pola lei
e
pola
grei

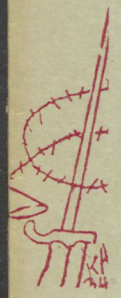
ROLÃO PRETO

PARA ALÉM DA GUERRA



LISBOA
1942

500



PARA ALÉM DA GUERRA

ROLÃO PRÊTO

PARA ALÉM DA GUERRA

MCMXLII

Imprensa Portuguesa / Rua Formosa, 108-116 / PÔRTO



CAPÍTULO I

Mocidade e Inquietação

NO sangrento ano de 1916, quando ainda troava o canhão prussiano sôbre Verdun, recebia eu um dia, no meu quarto escolar da Universidade de Toulouse, a insólita visita do mais ardente dos apóstolos da República de 1910, o Sr. Magalhães Lima.

Exilado político, secretário e fundador do primeiro órgão integralista *Alma Portuguesa,* era em verdade uma inesperada e bem singular visita, essa que me fazia o mais cosmopolita de todos os nossos demagogos, o Grão-Mestre da Maçonaria, Grão-Mestre também doutras cavalgadas de romântico sonho jacobino, e paladino eterno das mais desorbitadas fantasias.

Em tais circunstâncias, tinha que ser para mim, necessàriamente, extraordinário e memorável semelhante encontro. Da nossa imprevista conversa dois

pontos retive que sempre me haviam de impressionar. O primeiro quando Magalhães Lima confessou a curiosidade que o levara a procurar-me, para conhecer o verdadeiro sentido de inquietação da Mocidade do meu tempo. Êle supunha, com efeito, que tôda a Mocidade verdadeira tinha de ser inquietação. A da sua Época tecera-se na angústia da marcha pela Democracia. ¿Por que não continuaria a minha geração o caminho que a dêle desbravara? O segundo era a espontânea queixa do velho demagogo, lamentando-se ter de constatar agora, com grande decepção e mágoa, ao cabo duma vida plena de combates e na altura que lhe parecia lógico e natural poder descansar — , certo de que as suas idéias, largamente triunfantes teriam por elas o esfôrço continuador das novas gerações — ter de constatar que nós, os que surgíamos na arena, era precisamente contra essas idéias que erguíamos com alvorôço, a nossa lança...

Uma coisa porém consolava Magalhães Lima. Idealista apaixonado, como lhe chamaria Faguet, animava-o saber que uma inquietação e uma dura luta de ideais nos enchia o peito, a nós, novos de então, pois isso era para êle signo esperançoso de que, pelos tempos vindouros, iria continuar, vivo e forte, o interêsse espiritual que os altos problemas do destino humano suscitavam. Ao velho apóstolo assaltara-o amargo receio de que a minha geração fôsse fútil e vã, não conseguindo libertar-se, esboçada

uma atitude do pecado de snobismo e superficialidade de que a acusavam.

Já lá vão largos anos. Largos, inquietos, aflitivos anos, que viram derrocar nações, princípios e sistemas; um mundo inteiro que ruíu e acabou. Já o próprio corpo do corifeu democrata desceu à terra que lhe foi berço, levando consigo, porventura, o último coração onde flamejou sincera a ilusão duma democracia portuguesa à maneira de França, ou melhor à maneira do que êle sonhara que em França deveria ser...

Tanta coisa que se extinguiu e tanta que veio a nascer, fora e dentro de nós, desde aquela tarde remota do áspero mês de Março de 1916, e são todavia as palavras ardentes e vivas e até a figura estranha do velho jacobino que hoje de novo me assaltam, perante uma curiosa polémica jornalística, em que se debate a inquietação da gente nova nesta época.

Tendo o jovem Dr. Silva Dias publicado no semanário *Acção*, de Lisboa um artigo que era um brado da sua geração revelando uma imprevista espectativa em face dos irregulares tempos que correm e reclamando dos mais velhos a sua orientação e bom conselho, apressou-se a responder-lhe a Dr. Alfredo Pimenta. Reagiu a gente nova chocada pelo tom das palavras do ilustre escritor, ávida de aproveitar o ensejo para marcar uma atitude espiritual que muito a honrou. Esta brilhante polémica,

que, razões particulares limitaram, teve o esplêndido condão de levantar a ponta do véu sob o qual se esconde a alma da mocidade contemporânea.

Que bela labareda revolucionária, Deus louvado!

Mais feliz que o revolucionário de 1910, com justo alvorôço constato a identidade do meu pensamento com o das gerações modernas, parecendo — justos céus — que, com o tempo, se tornou mais viva a claridade que irradia das verdades em que comunga a nossa comum esperança.

E, se profundamente encanta saber que os novos de hoje manifestam de forma clara o desejo de prolongar, por êles próprios, o esfôrço de quantos procuram realizar um Portugal maior em justiça, confesso no entanto que mais entusiasma e exalta o facto em si duma mocidade que se não conforma, antes se alvoroça e procura ansiosamente uma certeza onde apoiar o seu sonho.

Em verdade, tôdas as aparências pareciam contrárias e esta espiritualidade inquieta dos novos. Marchara-se, no mundo, no sentido do mais estéril, do mais fechado egoísmo. A vida abria-se, sem disfarces, sob o signo dum pragmatismo tão ilimitado que parecia haverem-se murchado tôdas as flores do coração humano, tornando-se o sentimento de generosidade simples cálculo e a piedade, compreensiva pelo mal alheio, factor desprezível no jôgo de probabilidades dos grandes empreendimentos.

Nesse período de entre duas guerras criara-se um clima tão impregnado de falsos realismos, tão saturado de vis interêsses imediatos, que os homens, tomados dum absorvente espírito de conquistar posições pessoais, mostravam-se, dia a dia, menos permeáveis aos velhos mandamentos duma moral inspirada na justiça e no bem.

Dir-se-ia que o Homem, na sua ânsia de fugir à dor e de fugir a Deus, tinha esquecido também o sofrimento dos seus semelhantes e aquela divina lei que o obriga a uma solidariedade permanente.

Fugir à dor, às privações, ao temor duma existência cheia de incertezas e cuidados — fugir à dor, mesmo pelo vil preço de abdicações totais da sua consciência, e até do seu orgulho de ser Homem, tal se evidenciava a regra moral dessa época desorbitada. E assim, pareciam ter razão aquêles que se aquietavam num conformismo sem remédio, a substituir todos os impulsos que estão na base da grandeza dignificante da pessoa humana. Tanto na trama da vida privada como na da vida social, a simulação era erguida à categoria de virtude, asa poderosa de tôdas as ambições; tonalidade espiritual para tôdas as atitudes de que dependia a bênção do Destino...

Lutar e sofrer ao serviço de puras idéias que o espírito e o coração elegeram, eis um privilégio de loucos, loucos que heròicamente iam deixando em

farrapos a sua alma por duros caminhos sem glória, sob o desdém dos que beneficiavam sacrifício do seu próprio interêsse. Atitudes de nobre firmeza, posições de corajosa sinceridade — tudo isso clamava o escândalo do seu contraste com a subordinação passiva e prudente de quantos tinham como regra de vida a sujeição total ao seu comodismo sem limites. Desta maneira, em tudo o que comportava o risco de uma atitude exterior, os homens escolhiam mais fàcilmente a traição duma espectativa neutral, que servisse possíveis triunfos.

Até que ponto um ambiente dêstes, em que os valores morais tendem a nivelar-se no plano raso da indiferença e do cepticismo, e em que a própria curiosidade mental se afasta, por prudência ou servilismo, dos problemas de interêsse geral, considerando-os quási exclusivamente luxo e fantasia supérflua de quantos se lhe dedicam — até que ponto, uma atmosfera destas, metítica e deprimente, teria penetrado no espírito e no sentimento das novas gerações? Uns, aquêles a quem o mal da época mais profundamente afectara, afirmavam convencidos que a Mocidade com as características que dantes a aureolavam — espontaneidade, sinceridade, isenção — não podia existir evidentemente. Em seu lugar, surgira, pelo contrário, uma gentezinha precocemente velha, ponderada e calculista, para quem tôda a visão do mundo exterior se resume na exclusiva

descoberta e conquista do «bom lugar» e do método de mais fàcilmente o conseguir. Declaravam, outros, a Juventude total e irremediàvelmente fútil, limitando todo o seu esfôrço e material anseio às exigências grosseiras dum Desporto bestializante, dum narcisismo de actividade física que a tiranizava.

É certo que os adultos raramente entendem a juventude.

No entanto, jamais se viu uma tão perfeita unanimidade de julgamento e um tão completo acôrdo em condenar, sem remissão, a gente nova do nosso tempo.

Não temos por nossa parte qualquer remorso de ter cometido o pecado de, precipitadamente, condenar a Juventude. A Juventude escolar como a Fôrça Pública, essas também tantas vezes caluniada, são as duas grandes certezas, os dois esplêndidos pólos de sempre, onde se apoia a nossa confiança no futuro dêste País. Os primeiros pelas virtudes próprias da idade e da cultura, os outros pelas que nascem e se avigoram na profissão das armas — isenção, espírito de sacrifício, «alma». Uns e outros eram a certeza de que em alguma coisa de bom, de sólido, de sagrado se fundava a nossa esperança.

Por que razão é que é assim tendência freqüente diminuir-se o valor real destas duas grandes fôrças — as mais belas e mais preponderantes de sempre? Da geração académica que veio a fazer a República,

para só falar na que antecedeu a actual, pretendia-se que ela só era republicana nos bancos das escolas, pois à medida que os escolares ingressavam na «vida prática» se transmudavam logo em bons funcionários e serventuários da Monarquia distribuïdora de benesses. Puro engano? Também a nossa, geração integralista, foi caluniada, apodada de snobismo, de estulta pretensão, de retrógrada, de artificial, de vã, e todavia foi ela e só ela que liquidou a república demagógica e que tão levianamente a desprezou, como Teófilo Duarte recorda no seu belo livro *Sidónio Pais e o seu Consulado* há pouco publicado.

Com o Exército e a Armada, quantos também não tem sido, e fatais, os erros de julgamento! *Cabides de farda* lhes chamou em tempos um político cujo temperamento intempestivo veio um dia a pagar, bem duramente, o insulto, e a incompreensão. Tantos outros mostraram ainda à Fôrça Armada a sua má vontade e o seu desprêzo. Mas, tarde ou cedo, a todos chega sempre a resposta do Exército — realidade forte, e realidade decisiva em todos os tempos, neste país.

Como no Exército, acreditamos pois na Juventude, considerando-a, através da sua *élite* activa, da sua *élite* escolar, permeável sempre tôda a inquietação a todo o anseio dos que sofrem, dos que reclamam, dos que esperam... No entanto, por maior e mais segura que fôsse a nossa confiança nas virtudes da

Mocidade, confiamos o alvorôço que nos tomou e empolgou ante o curto mas intenso debate que num relâmpago revelou a inteligência e a emoção dos Novos, em face dos problemas de moral social, dos problemas duros e cruéis do nosso tempo.

Semelhante capacidade de inquietação, aliada a tão puro idealismo, eis na verdade a demonstração, a reconfortante prova do alto valor moral dos jovens portugueses que chegam, das gentes moças que aí vêm...

Está-se bem nos antípodas da «geração fútil, da geração ignara e servil» que certos pregões pessimistas haviam proclamado.

*

* *

Donde vem essa gente, que não confessa dirigentes nem se mostra escrava de conhecidos mitos, mas que traz no rosto um tão vivo sinal da sua dolorida ânsia de justiça? Católica e nacionalista se proclama, mas não esconde que se nega a aceitar, para a sua esperança, os limites convencionais de certas fórmulas humanas, que a mão de Deus vai permanentemente rectificando... Assim, transfigurada pelo impulso da liberdade interior, como vão poder atendê-la certos coformismos, católicos e nacionalistas, para os quais não existe processo de descobrir e encontrar a Ver-

dade fora do lugar comum de velhos caminhos, explorados por velhos métodos?

Irreverente, ansioso, ao mesmo tempo que simplista, parecerá o tom do seu espírito para quantos confiam nos quatro cantos estreitos de antigos e ronceiros hábitos. Não é, porém, na coragem desta atitude que se denuncia o sôpro vivo, o entusiasmo, o dinamismo salutar, o espírito, a fôrça de arranque dos Novos?



CAPÍTULO II

O eixo Antero — António Sardinha e o seu prolongamento histórico

SE, quisermos marcar à curva da inquietação, pontos essenciais de referência e orientação, em dois altos espíritos contemporâneos se pode porventura retratar o seu claro significado: — Antero de Quental e António Sardinha. Por êsses pontos simbólicos passa nìtidamente o eixo de definidas coordenadas, em tôrno do qual, em graus diversos e diversas expressões, se devem observar a eclosão e a florescência de anseios e aspirações, bem como a das fórmulas resgatadoras a que dão origem.

Antero é a suprema espiritualidade, alarmada em face dum realismo excessivo, e estreitamente materialista, que nasce do Fontismo e da sua proclamada Regeneração do País, tomando por altos e únicos símbolos de restauração pátria — Estradas e Caminhos de Ferro, Obras Públicas e Fomento.

Antero é a suprema inquietação espiritual feita Homem, para, num século de aviltante abdicação das almas, proclamar o triunfo do espírito por cima das aparências e para além dos acontecimentos, como expoente máximo de verdadeira grandeza humana e única finalidade da nossa peregrinação pela terra.

Todos os conceitos, que anunciam uma filosofia de Antero, se mostram iluminados do transcendente clarão desta esperança superior: o homem que se redime, ultrapassando-se a si próprio em liberdade interior, por cima de todo o egoísmo e de tôdas as conveniências, oferecido a tôda a renúncia...

Protesto e clamor de esperança, o verbo de Antero, surge como a voz dos profetas inspirados, para condenar e vencer o presente e, para além do presente, apontar a rota incognoscível do futuro. Por isso, em Antero, convergem tôdas as virtudes dum apóstolo: visão interior e alta flama criadora, confiança e espírito de sacrifício — tôdas as condições da vera espiritualidade. Inspiradora da sua filosofia, essa espiritualidade abre naturalmente o mais genuíno, o melhor impulso do seu sentido político e político-social, emprestando um fulgor de particular relêvo ao seu instrumento crítico e à sua rara capacidade de idealismo.

Para além da burguesia liberal, para além da burguesia democrata, repelia em absoluto tôdas as

presenças conformistas, tôdas as realidades mesquinhas do espírito burguês e visionava claramente um mundo melhor, onde a palavra Justiça não fôsse uma palavra vã. Só ela, essa Justiça implacável, poderia dominar a sua inquietação, porque só ela significaria, de verdade, o triunfo total do Homem sôbre si próprio. Socialista, por espontânea intuïção, o seu claro idealismo condu-lo naturalmente muito acima de Marx, e leva-o ao exuberante «Wunderkind» de Humbold, ao louro amante da condessa de Hatzfeld, Lassalle. Que grandes afinidades não existem com efeito na sua dolorosa inquietação comum e no seu comum e profundo sonho realizador. Maior que a mágoa do subtil comentador de Heráclito, do genial criador da *Cherne Lohngeretz*, só a dor sem limites de Antero, do divino Antero — nosso Profeta e nosso Mestre. Dor e inquietação máximas! Dor e inquietação tão amargas e tão fortes que a sua vibração nunca mais deixou de ecoar em quantas almas, mais tarde, se sentiram capazes de sonhar como êle e, como êle, capazes de sofrer...

*

* *

Pela Europa, sopravam então desencadeados em tormenta, os ventos da Revolução Socialista.

Marx, Lassalle, Proudhon, Bakounine, para só falar dos mais altos portadores do archote revolucionário,

são apenas expressões diversas do mesmo pensamento, da mesma ânsia transformadora do mundo económico social, filho dêsses monstros gémeos: o capitalismo e a democracia, a burguesia e o liberalismo — falsa igualdade entre o mais rico e o mais pobre, falsa liberdade do mais fraco ante o mais forte e, sobretudo, falsa fraternidade entre irmãos que só o eram por nascerem da mesma forma, na mesma época e sôbre a mesma terra.

Sob o impulso de Marx e Engels surge a Primeira Internacional, que logo encontrou poderosa repercussão em tôdas as nações europeias e que, se não se resistiria ao choque da guerra de 70, logo se veria renovada na Segunda Internacional, que, sob aspectos e modalidades várias, se mantêm até à guerra de 1914. Por tôda a parte floresce, transformada embora pelos tons particulares que lhe dava o sentido de cada apóstolo, e o colorido moral e espiritual próprio de cada povo; por tôda a parte surge a renovada mas já seivosa planta do socialismo.

Multiplicaram-se então as interpretações e os sistemas, sinal de exuberâncias e plásticas revolucionárias: —socialistas internacionalistas, socialistas democratas, socialistas católicos, socialistas de Estado. Por tôda a parte se semeia e por tôda a parte sobe, amadurece, já dourada, fecunda e vivaz a promessa da nova seara. Aqui mesmo, a nosso lado, na vizinha Espanha tradicionalista, a labareda da Revolução Social atin-

gira tais proporções que, já em 72, Sagasta lançava um apêlo aos governantes estrangeiros para que se empreendesse uma *Cruzada*, contra ela.

Em 73 possui com efeito 300.000 operários, organizados com jornais que eram temerosos clamores de incêndio: *O operário*, *O condenado*, *Os sem camisa*, *O petróleo*... Em 74 a sublevação popular é tão grave, que só com uma guerra civil e um golpe de Estado se acalma. A acalmia pouco dura, de resto, pois em 84 contava já a Espanha 120 federações operárias.

Portugal não podia manter-se então à margem da fogueira. Pronto aparecem organizações filiadas na Internacional e entre tôdas fervilha o pregão de uma imprensa revolucionária: *O Protesto*, *O Clamor do Povo*, *O Jornal do Trabalho*, *A Tribuna*, etc.

Antero escreve em 80 o seu poderoso manifesto socialista. É bem evidente que a inquietação portuguesa dessa época se revelava com um bem nítido sentido social. As gerações novas, ansiosas por sair do marasmo da «prosperidade Fontista», saüdavam, com um entusiasmo romântico mas firme, os novos mitos que pareciam os mais consentâneos com a sua alvoroçada esperança.

Mitos sociais: sêde de justiça social, de reparação social em primeiro lugar, era evidente.

Breve, porém, a grande reacção contra a «sociedade burguesa», egoísta e falsa, se transforma em

braseiro temeroso sob o impulso da melhor e mais brilhante pléiade da nossa história literária.

Sacudir a Nação, arrancá-la ao torpor da sua já longa decadência, parece a todos indeclinável dever. É nessa altura que passa para um plano acentuado e decisivamente político a inquietação das gerações novas.

É a hora da grande batalha de aniquilamento, da grande rasia política, que empenha tôdas as atenções e mobiliza todos os espíritos entre as *élites* activas do país. Um facto, de extraordinárias conseqüências históricas, vem precipitar os acontecimentos, inflamando até ao paroxismo, a violência das paixões: — *O Ultimatum*.

Antero, em pessoa, desce à liça para empunhar e brandir uma lança, que logo desalentadamente lhe cai das mãos, ao constatar que os partidos políticos, monárquicos e republicanos, de nada valiam quando nêles se tentava apoiar a esperança dum verdadeiro resgate nacional.

O manifesto de Antero, que não chega a ser distribuído, tem êsse bem claro significado mas revela também, como, para o próprio espírito de Antero, o anseio nacional mudava de sentido.

Totalmente? Talvez não. E, talvez não porque, em boa verdade, a esperança que começa a surgir nos espíritos é já então a República. Uma república ideal, que tem ressaibos das liberdades populares antigas e aparece envolta nos trajes romântico-sociais de uma Deusa distribuïdora de abundância, de prosperidade, de justiça. E, sendo assim, a orientação das gerações novas, francamente política, mantinha-se no fundo apaixonadamente social.

As gerações universitárias como as formações operárias convergiam, num sincero e espontâneo impulso, para o mesmo movimento que erguia festivos altares ao mito da democracia pura. Era o tempo em que a própria Igreja — entendendo proclamar os direitos sagrados do trabalho — não hesitava em aceitar uma forma *social-democrata*, que punha no entanto sob um signo diverso, o signo eterno de Cristo.

Democracia cristã era, com efeito, a base do pensamento que gerava a Carta de Trabalho, essa audaciosa e revolucionária *De Rerum Novarum*, que marca, evidentemente, uma fase nova na política oficial da Igreja Católica.

Política oficial, sublinha-se, porque antes de Roma falar, já largo era, na verdade, o caminho andado pelo socialismo católico em certos países da Europa, nomeadamente em França e na Alemanha. Essa marcha, que atesta o renovado espírito revolucionário do Cristianismo, evidencia-se pela primeira vez em França, no famoso congresso dos operários católicos em Chartres, onde o conde de Mun e o professor da Universidade de Louvaina Perin defenderam, com

serena audácia, o caminho das reivindicações dos trabalhadores católicos. E, se é certo que a tendência anti-clerical, oriunda das formações socialistas francesas foi um grande obstáculo que sempre se opôs às tentativas socialistas católicas dêste país, na Alemanha, pelo contrário, dada a diversidade de tendências do Pensamento Socialista, foi mais fácil ao socialismo católico conquistar posições essenciais e dominantes.

Já em 63, o teólogo Doeling afirmava num congresso de sábios católicos, a necessidade de encarar o problema social. Mas é sobretudo o bispo de Mogúncia, Kettler, que inicia o grande movimento do Socialismo católico alemão com o seu «Die Arbeiterfrage» livro que demonstra as tradições de acção evangélica nas reivindicações dos humildes.

Amigo de Lassalle, Mons. Kettler aproxima-se tanto do famoso apóstolo socialista que, noutro livro, *A Questão Operária e o Cristianismo*, quási confunde as suas fórmulas com as que êle prega.

A interpretação de Mons. Kettler, à base marxista *O Trabalho Mercadoria*, mostra a identidade de pensamento entre o Bispo e Karl Marx.

Vem depois um discípulo de Mons. Kettler o cónego Menfang, que exerce uma profunda influência na tentativa católico-socialista alemã. É êle que define os pontos dêsse programa do novo movimento e quem lhe dá corpo de doutrina e imprensa activa. A clari-

vidência do cónego Menfang é notável. Um dos pontos, o primeiro, é doutrina nacional-sindicalista da melhor. Não resistimos a transcrevê-la: «O Estado não tem que organizar o trabalho por uma lei geral. Pertence aos trabalhadores formarem associações, ditarem regulamentos e criarem contribuïções do trabalho em cada ofício e em cada indústria. O Estado só intervém depois para dar a êsse regulamento fôrça de lei». Como tôdas as tentativas de socialismo evangélico, é nos Santos Padres do Cristianismo que êle fundamenta a condenação da riqueza e exalta a esperança dos povos. A penetração do socialismo católico na Alemanha atinge, assim, em larga escala, os meios rurais e o sector dos anti-industriais e anti-capitalistas. Mais tarde, o Movimento ganha todo o clero e todos os perseguidos do Kultur-Kampf. Entre os mais evidentes, aparecem o Reitor Shings e os padres Kronemberg e Laaft.

Os adversários do socialismo católico acusavam de hipocrisia e de manobra política a sua atitude. E não é bem claro que, nesses passos ainda incertos do socialismo católico, era já a Igreja que andava buscando o caminho que Leão XIII veio a encontrar e definir?

O que é evidente é a entrada da voz da Igreja no côro geral que dava à *Democracia Social* um sentido de orientação suprema para a alta esperança das *élites* activas...

A República democrática portuguesa surge mais tarde entre nós, aos olhos de muitos, não apenas como realização política, mas também como solução social. Bem nos lembra ainda quanto foi dura e considerável a decepção dos dirigentes operários quando a República, pouco depois de proclamada, lhes mandou, certo dia, encerrar e metralhar as sedes das suas organizações.

A inquietação das gerações novas encontrava, pois, alívio e esperança nas promessas sociais duma situação política. Mudava então e mudaria, de então em diante, o fulcro de apoio das probabilidades com que essas gerações evolucionariam no futuro. O sistema político, sob o signo da República Democrática traria, assim o esperavam, as reformas necessárias, não só na administração, como nos costumes e nos conceitos sociais.

Um dia, porém, a República triunfa, e logo se mostra uma turbulenta e desvairada continuação, mas em muito pior, do constitucionalismo monárquico.

Quisera-se liquidar a projecção do espírito «Fontista», a sua moral materialista, o seu burguesismo inveterado, o seu rotineirismo político, a mesquinha visão dos seus conceitos. Quisera dar-se um impulso novo, sob uma forma nova, à nossa grandeza de outros tempos; quisera atribuir-se mais ampla progressão à vida cívica e mais alto sentido de justiça à vida social. E, pelo contrário, gerara-se um clima

do mais duro materialismo, do fanatismo mais cego, da mais obstinada negação da Inteligência.

Liquidara-se o rotativismo liberal e o espírito banalão do conselheiro Acácio e a mentalidade hiper-crítica do constitucionalismo monárquico, da Monarquia enfim. E sôbre a tábua rasa da derrocada, passou a tripudiar, à sôlta, a demagogia interna, a Rua Democrática como um furioso tufão sôbre os destroços da campina assolada.

A inquietação da gente nova conhece então o paroxismo da desilusão e da desesperança. Morrera a Monarquia e a República nascia morta. Em sua volta travava-se uma duríssima batalha onde, por um lado, tentavam alguns salvaguardar os seus privilégios, conservar e dar corpo aos seus preconceitos, manter ou erguer de novo as suas comprometidas posições pessoais; enquanto, por outro lado, aos poucos, se via abater e desmoronar o que subsistia de «Ordem», o que permanecia de equilíbrio e que ainda restava do património moral de todos.

Sob que signo poderia, nessa altura, renovar-se para as gerações novas, que entravam na arena, a trama dolorosa das suas dúvidas e do seu anseio?

Era bem certo que a solução política não fôra encontrada com o advento da República, nem tão-pouco as condições de melhoria social, numa palavra, nenhuma solução fôra descoberta para os problemas do nosso tempo?

Eis porque os Novos desta época tiveram, primacialmente, que interessar-se pelo factor político, pois sem Estado, sem uma sequer sombra de Estado, que Sociedade poderia dar ao Povo um mínimo de felicidade?

Essa geração que assiste à falência da República e sem poder, evidentemente, reclamar o regresso aos processos monárquicos liquidados em 5 de Outubro, teve de descobrir uma fórmula de reconstrução política e social que salvasse a Nação Portuguesa da dupla derrocada. Tal é o sentido do «Integralismo Lusitano» de que António Sardinha foi o máximo expoente intelectual e o principal apóstolo. E, no entanto, a aspiração integralista não passa dum ponto a mais na curva dramática da inquietação de Antero e da geração dessa época.

A Revolução Nacional e Social, antevista e reclamada pela intuïção das *élites* nacionais coevas de Marx e que sofreram o vexame do burguesismo «Fontista», encontrava por fim em António Sardinha e nos integralistas um reduto concreto e forte para apoiar a marcha do seu destino.

O eixo Antero-António Sardinha eis pois a linha ideal, a posição-referência, em tôrno da qual se devem marcar as coordenadas de todos os movimentos político-sociais que surgiram da alma da Juventude Portuguesa, nesta perturbada quadra que liquida o constitucionalismo liberalengo e burguesão.

A acção contra o «Fontismo» conduziu à República; a investida integralista, tornou possível o «28 de Maio».

Em que se parece, porém, a República idealizada, a República lugar de suprema convergência neste País de tão altas aspirações, em tôdas as zonas do pensamento e do sentimento humano, com a realidade, essa baixa e aviltante realidade, que enche os duros anos de 1910-1926? Que resta do sonho de Antero no campo das realizações da República? E como foi entendido e interpretado o sonho de António Sardinha?

Eis as pungentes interrogações que os Novos faziam a si próprios, e já quási sem esperança, por alturas de 1933.

Seu natural anseio mostrava-se sùbitamente céptico quanto à eficiência atribuída pelas gerações transactas ao coeficiente político.

Claro é que tôdas as realizações sociais exigem uma base e fundamento políticos que, pràticamente, lhes garantam estabilidade e solidez. Mas porque razão não se haveria de conquistar essa base e alicerçar êsse fundamento partindo da Revolução Social para a Revolução Política?

Não seria mais urgente, de começo, desembaraçar-se o Homem de todos os entraves que lhe criara o condicionalismo burguês, e, arrancando-o aos escombros do velho mundo agonizante, criar nêle,

enfim, uma consciência revolucionária, solidarista numa palavra, verdadeiramente inter-fraternal? Não importaria, primeiro, estabelecerem-se as directrizes *sociais* dum mundo novo, para com elas se garantir a segurança dum edifício, que, em chão de areia, na democracia individualista abrira sempre fendas, acabando por desmoronar-se?

A Revolução Política já intentara, por duas vezes no curto prazo dum século, dar a estrutura ao Estado, criar e refundir *quadros*, alterar ou substituir fórmulas de govêrno. Até que ponto, porém, atingiram essas transformações do Estado a íntima consciência dos indivíduos e de que maneira lograram elas revelar-se garantia duma mais profunda e duradoura realização de justiça e de eqüidade social?

Longa, áspera e dura havia sido já a luta entre portugueses à volta dos mitos políticos e achava-se assim melhor defendida a Liberdade, a Dignidade, a Grandeza do Homem?

Numa palavra, que importavam os sistemas políticos, com a sua fachada engalanada, se êles apenas serviam para enquadrar um povo vazio de alma, vazio de consciência, como inquieta e dispersa manada, à mercê de todos os assaltos do tempo e de tôdas as transições e surprêsas da selva.

Assim, na sua angustiosa descrença, foram as gerações novas impelidas a buscar, em novos horizontes, a tranqüilidade de novas perspectivas.

República? seja, pois está proclamada... Monarquia? porque não, quando o interêsse nacional a exija?

Mas antes de tudo a Revolução Nacional Social, como ponto de partida.

Esta mudança de sentido nas preocupações imediatas dos novos fêz com que alguns não lhe entendessem o fundamento e se aventurassem a classificar de ligeireza, de indiferença política e até de inconseqüência a sua atitude.

Na verdade, porém, a maioria dos que reclamam em primeiro lugar a Revolução Social, de nenhuma forma abdicaram das suas convicções políticas particulares.

Por cima da Revolução Social, o Rei, pensam uns; a Revolução Social e a República, pretendem outros.

O que uns e outros sentem e pensam, no fundo, é que esta nova atitude na maneira de encarar, de momento, os problemas vitais da sociedade cria tôdas as possibilidades de uma perfeita e mais decidida unidade entre as formações revolucionárias nacionais e estabelece fàcilmente um plano de convergência ideológica que neutraliza tôdas as antigas incompatibilidades doutrinais, tôdas as dramáticas oposições de regime, reforçando com impulsos novos a marcha para a felicidade colectiva e para o bem comum.

Tal conceito deu origem a um espírito diferente que criou e ràpidamente desenvolveu um outro pode-

roso movimento nacional — o movimento Nacional-Sindicalista.

Pela primeira vez na História Contemporânea se vieram juntar na mesma trincheira e fora do Poder, homens de diversas e tantas vezes divergentes tendências políticas e de distintos credos religiosos, movidos tão sòmente por uma profunda aspiração comum — a aspiração ideal de realizar a Revolução Nacional Social nos espíritos e nos costumes, dentro do homem individual como no meio social que o rodeia, deixando para outro plano e para outra hora a oportunidade de resolver definitivamente o problema da estrutura política do Estado.

Pôsto isto, não se torna evidente que o eixo ideal Antero de Quental — António Sardinha, em volta do qual se explicam, determinam e resolvem tôdas as aspirações desta progressiva evolução social contemporânea, veio encontrar na posição espiritual e revolucionária Nacional-Sindicalista o nítido fulcro e o seguro ponto de apoio da sua esperança, do seu natural prolongamento histórico no nosso tempo?

CAPÍTULO III

Conformismo e Inquietação

HÁ quem pense e ouse proclamar, como justo pensamento, que o império de certas realidades num momento dado — só porque realidades são — é razão suficiente para justificar aquêles que lhe hipotecam o futuro das suas altas aspirações ideais.

E é em nome dessa abdicação que se intitula de «realista» que certos clamores interessados advogam as cumplicidades conformistas das novas gerações com as idéias e os homens de que discordam o seu próprio temperamento e o seu anseio.

Tal sacrifício, que se reclama da gente nova, tem na ordem moral o significado claro e patente de puro suïcídio, suïcídio monstruoso, que liquidaria num golpe, inútil para o presente, tôdas as fôrças de renovação e aperfeiçoamento que constituem as melhores possibilidades do futuro.

Que outra pode ser, com efeito, a missão das novas gerações que não seja a de, por elas próprias, encontrarem uma mais bela e vasta perspectiva no campo das futuras realizações?

Eis porque se não deve considerar justo o propósito de quantos queiram impor o limite do seu tempo ou do interêsse particular da sua facção às ilimitadas aspirações da Mocidade, para quem o conhecimento das *realidades* só tem o valor relativo e transitório duma *referência* na sua marcha para as ultrapassar...

Mocidade, em boa verdade, significa mais do que tudo *acção*, o que quere dizer que, para os Novos, o próprio pensamento é sempre *acto*, isto é, progressão decidida da sua vontade, iluminada e exuberante, de realizar, de *viver*. Por isto, a sua posição é, em todos os tempos, para além do Presente — impermeável às solicitações do comodismo duns, do orgulho doutros, e do interêsse imediato da maior parte. Outra condição interessa ainda, decididamente, à posição dos Novos — é a sua liberdade interior em face do Passado, neste sentido de que existe uma espécie de intoxicação criada pelos exageros de certo *historicismo*, que propende a fazer cair os braços, por inúteis, diante da permanente contemplação do que fomos, do que nós não somos capazes de tornar a ser...

Os Novos amam decerto as glórias do Passado;

êrro é, porém, querer que êles entendam a *vida* e a *acção* sempre em função dos gestos e atitudes dos heróicos fantasmas de antanho. Mocidade significa dinamismo, dinamismo nas idéias e nos actos. Como já outra vez escrevemos: «Os novos acreditam na História mas com a condição dêles próprios lhe escreverem novas páginas de grandeza imortal» (1).

A gente adulta, «experiente» pelos anos, «prudente» pelos cansaços, «dócil» pelas abdicações, pode em rigor conformar-se dentro da posição de estricta espectativa em face dos cortejos vitoriosos do Passado ou do seu tempo. Os novos não se mostram nunca impassíveis perante os acontecimentos: ou *combatem* ou *colaboram*. Em qualquer dos casos *actuam*.

O conformismo é a maior das vezes o disfarce do egoísmo, isto é, caducidade no coração e no espírito. À gente nova não se pode pois com justiça exigir atitudes contrafeitas, cálculos nas maneiras, «camouflage» de posições.

Com razão escreve Mounier: «*La jeunesse est ce qu'elle est. Injuste, brutale, ingénue, rebelle tant qu'elle peut aux références e aux déférences. Je ne pretends pas que ces vertus acides soient le dernier mot de la spiritualité. Mas si elles ne décapaient constament*

---

(1) In *Fascismo*, 1938. Do autor.

les protections de l'adulte, que resterait-il de la fraicheur du monde? Nous sommes à l'âge ou l'élan est pris, qui franchirá ou ne franchira pas le seuil de l'amortissement des sagesses de la trentième année, des lassitudes, de la quarantième, des retraites de la cinquantième. Si à cet âge l'homme naissant ne vie pas de toutes ses forces, s'il se préocupe des notes critiques et un peu trop d'harmonies intellectuelles avant d'avoir souffert le monde en lui même, jusq'au cri, alors c'est un pauvre être, belle âme qui sent déjà la mort».

E, no entanto, quantos cálculos não faz o conformismo com a capacidade conformista da juventude!

Cálculos errados, por certo; senão que seria de nós, a verificar-se o testemunho amargo daqueles que descontam na Mocidade Nacional de hoje a tendência acomodatícia de renúncia à vida e a tôdas as progressões criadoras do seu natural impulso — independência, virilidade, audácia, enfim!

Cálculos errados, evidentemente, que a gente adulta e céptica de hoje em dia, à semelhança da gente adulta e céptica de todos os tempos, faz, baseando-se numa falsa interpretação dos valores morais da gente nova.

O êrro de julgamento duma geração à outra aquilata-se fàcilmente quando se pensa na dificuldade que têm os pais em entender os próprios filhos!

Vinte anos entre duas épocas, vinte, no entanto, de contacto e de mútua observação e, apesar disso, entre os filhos e os pais quantos erros de observação e de estudo!

Assim, bem enganados andam aquêles que, nas aparências da mocidade de hoje, julgam poder descortinar com segurança atitudes de descuidosa e fútil indiferença, sem atentar os verdadeiros anseios que animam sua *élite* activa.

Maior êrro, porém, cometem com certeza quantos desdenham da amarga inquietação das novas gerações por ela se manifestar desordenada, nublosa e, de certo modo, contraditória.

Por certo faltam aos Novos os pontos de referência por onde a experiência elimina hesitações ou ou evita precipitados juízos, mas a experiência é também um jugo e um caminho forçado. A sua falta, se tem desvantagens, não implicará também a possibilidade duma maior liberdade interior, condição indispensável de tôda a verdadeira *vanguarda*?

Decerto, ainda, tôdas as «fórmulas» tem o seu valor próprio, e também muitas a sua oportunidade; mas o verdadeiro signo da Juventude não estará exactamente na recusa em aceitar fórmulas feitas, visto o seu verdadeiro impulso se manifestar exactamente pelo desejo de as ultrapassar a tôdas? «Avante, por cima de cadáveres», proclamava a voz do comando, dura e profética, de António Sardinha.

Os contraditores da juventude presente, teimando em opor à sua inquietação o limite que êles encontram para os próprios anseios, não fazem mais do que repetir o eterno êrro de todos os *conformistas*, de todos os *conformadores*.

Sempre, através dos séculos e das idades, o espírito conservador foi impenitente crucificador da verdade, tôdas as vezes que esta encontra uma nova expressão sôbre a Terra.

Não foi o espírito conservador que crucificou Cristo?

*

* *

A posição conformista talvez possa ser um ponto de chegada, mas jamais será um ponto de partida.

Os seus dois pólos são a Cautela e a Cobardia — dois sentimentos negativos. Com êles não é fácil, não é possível criar-se uma moral de acção.

Emile Bauman conta, num recente número da *Revue Universalle* (1), o seu diálogo com certo inspector escolar que um dia lhe foi sindicar as rebeldias católicas em face do estado laico-francês de antes da catástrofe.

---

(1) *Souvenirs d'Ancien Regime*. «Revue Universalle». Novembro, 1941.

Grava-se nesse diálogo curioso, em traços fiéis, o verdadeiro espírito conformista dum funcionário da III República, homem de prudência exemplar e vantajoso bom senso. Reconhece-se, em tanta sabedoria na arte de acatar mesmo o que repugna à sua consciência, um daqueles escolhidos transmissores das ordens de «quem de direito» como agora se diz, e que em todos os tempos e em todos os países nascem expressamente para tão glorioso fim.

Analise-se porém o processo:

Comment, (dizia Bauman ao inspector sindicante), *comment voulez-vous, qu'on reste neutre quand on a des convictions et un tempérament?*

Précisement, nous nous méfions des convictions et des tempéraments. Ce serait l'anarchie pure si chacun apportait sa doctrine.

Depois, como Bauman afirmasse o seu desejo de não abdicar da sua posição de católico mesmo na cátedra, recusando-se, portanto, a defender o livre pensamento, o sindicante objectou logo: *Eh bien! voilà votre lacune. Moi quand j'étais professeur de philosophie j'éprouvais une trés sincére sympathie pour les doctrines religieuses et aussi pour les doctrines matérialistes.*

Mais nul ne pouvait se douter pour qui je penchais...

Tartufo? Não. Funcionário exemplar. Eleito do bom senso, para quem a vida tem uma regra segura:

a simulação. Simulação e acatamento eis a fortuna dos que nascem para servir, sem sombra de precalço, os poderosos dêste mundo.

Por isso, o contraditor de Bauman marchou sempre na vida sem dificuldade e, enquanto êle era o inspector e o sindicante, o glorioso escritor do *Fer sur l'Enclume*... estava aí à mercê do seu interrogatório e do castigo que êle lhe quisesse destinar e impor.

Felizes os que se *conformam*, com a sua vida e com as desgraças alheias. Fada-os à nascença um Destino que lhes segreda a fórmula da sua sorte: — «Fecha os teus olhos, tapa os teus ouvidos, estrangula, se necessário fôr, o teu coração. Não sejas sensível, para não teres que ser bom ou revoltado. A vida, para ser proveitosa, tem que ser assim. É êste o seu preço.

A fórmula de Pangloss, acha-se inscrita no coração de todo o homem prudente: *Êste é o melhor dos mundos possíveis*...

Entretanto, para que o mundo incessantemente marche pela escala das transformações espirituais e materiais; para que os homens aperfeiçoem os costumes e as instituïções; para que a solidariedade, e a Justiça não sejam de todo banidas da Terra — foi preciso, é preciso e será preciso sempre que os olhos humanos se alarguem bem, a fim de bem verem tôdas as misérias; que os ouvidos se mostrem bem abertos,

para melhor escutarem todos os queixumes; que o coração, seja enfim, cada vez mais vasto e sensível, para que nêle caiba inteiramente tôda a sua infinita, angustiosa e resgatadora *inquietação*.

*

* *

Os Novos do nosso tempo acham-se inquietos. É tôda a inquietação dum século que lhes enche o peito. Qual a sua origem, sob que signo se revela a sua esperança?

CAPÍTULO IV

Porque antepõem as novas gerações, ao fenómeno político, a sua inquietação de justiça?

ULTRAPASSADA a época política, por excelência, que enche tôda a História contemporânea, época caracterizada pelo choque dos partidos e pela paixão absorvente do espírito de facção, ultrapassada essa quadra em que os problemas só pareciam linearmente equacionar-se em ordem de factores de natureza política ou nela convertíveis, — surge agora um tempo diverso cujas características são desconcertantes para os «antigos», que lhes não conhecem a génese.

Assim, como já se frisou no capítulo anterior, as novas gerações tomadas de cepticismo quanto à eficiência das soluções políticas, se não se mostram totalmente apolíticas, colocam entretanto noutro plano as suas preocupações essenciais. E não só o cepticismo é o motivo desta atitude. Os tempos novos, revestem-se com efeito de circunstâncias especialís-

simas que, se por um lado afastam da acção, deslocam, por outro, o debate para um plano de superior plástica de espírito, dentro do qual, se torna possível antepor, de momento, à *execução*, isto é, às imposições do plano político, o *conceito moral*, isto é, as indicações formuladas no domínio puro desta consciência revolucionária que nasce com a nova época.

Está-se longe, evidentemente, do tempo em que a fórmula Maurrasiana *Politique d'abord* era a palavra de ordem que movia entre a mocidade as *élites* activas de vanguarda.

Hoje, diante de tantas ruínas, decepções e esforços vãos — a gente moça medita, sentindo bem dentro de si o apêlo de certas presenças morais, que reclamam o seu predomínio na estratégia da nova batalha.

Assim o entende por exemplo o espírito claro do Padre Ducatillon quando afirma que: *vouloir envisager la France et l'Europe, d'abord sous leur aspect politique, et, à plus forte raison, sous leur aspect politique seulement, on les denature* (1). Como êle também corajosamente afirma, a crise europeia: *c'est une crise spirituelle, morale, une crise de civilisation, conséquence d'une crise de religion. La crise*

(1) *Une Renaissance Française, ses conditions spirituelles. Présence*, Plon, Paris.

economique et politique de l'Europe a été precedée dune crise de conscience européenne.

Permeáveis, pois, às solicitações duma ética social revolucionária e absorvente, as novas gerações travam, por agora, a batalha interior, relegando, *adiando*, para outra ocasião, as soluções de ordem política que os problemas, de facto, não deixam de suscitar.

Entrará nesta atitude, que tantos dos «velhos» condenam, certo romantismo que sempre anima tôdas as vanguardas? Pelo contrário, pesará nela sòmente, como muitos admitem, apenas um cansaço na ordem das realizações, que nenhuma curiosidade consegue debelar?

Seja como fôr, a posição das *élites* activas da mocidade de nossos dias interessa mais ao espírito do que à acção imediata — mas nem por isso deixa de ser uma cabal negação do conformismo comodista e estéril, que certas conclusões precipitadas lhe emprestam.

O facto, por exemplo, do problema dos regímenes políticos não incitar os novos a uma luta exterior, absorvente e extrema, como incitou as gerações passadas, não significa, ao invés do que vulgarmente se cuida, que êle deixe de interessar, embora noutro plano, às conclusões da gente nova. Na realidade, as novas gerações, monárquicas ou republicanas de doutrina, confessam-se, dum modo geral, sob o domínio forte da mística da Revolução Social, de que

esta assombrosa guerra constitui a estupenda alavanca. Nesta guerra põem, pois, os moços, tôda a sua esperança, considerando-a, e com razão, o cadinho gigantesco onde, a par da agitação do mundo exterior, se prepara a mais vasta e decisiva transformação das consciências.

Por isso, os acontecimentos estão sendo vividos com especial alvorôço pela gente nova — alvorôço sagrado das almas tomadas de febre messiânica, para quem a Justiça vai surgir, finalmente, sôbre a terra.

Eis porque é no domínio interior das consciências — e só nesse, pois qualquer outro lhe está vedado pelas circunstâncias — que a grande batalha agita as gerações novas portuguesas.

Luta tremenda, e que não finda, cavalgada frenética de esperanças, que sùbitamente sossobra em decepção e dor, para sùbitamente se reerguer e tomar novo impulso na corrida louca da vitória... Luta trágica, que enche as almas de permanente assombro, e de angustiante e renovada inquietação! Recolhidas sôbre si mesmas, as novas gerações lusitanas sofrem em silêncio do mal do mundo, sem terem, como a quási totalidade das novas gerações europeias, tôdas em guerra, a possibilidade de gritarem sua suprema queixa ou de proclamarem sua suprema fé — em terra, no mar e no ar — colaborando, batalhando, morrendo... por um mundo melhor em justiça e verdade!

Tal é a sua tragédia! As almas mobilizadas pela mística da Guerra, pela mística da Revolução, e tendo de esperar tràgicamente mudas e tràgicamente inactivas, que a Guerra e a Revolução arbitre os seus próprios destinos, sentenciando sôbre os destinos do Mundo!

Ter uma consciência clara de que, para além das duras perspectivas da batalha, vai surgir um mundo novo, mundo belo, todo feito à imagem e semelhança dos seus generosos impulsos e, no entanto, ter de aguardar com os braços cruzados e impotentes, devorando a sua própria angústia, comprimindo as palpitações do seu próprio coração — que a guerra decida, eis a posição dos Novos, que é a posição de quantos em Portugal conservam um coração e um espírito novo.

A guerra, com efeito, *decidirá* e só ela.

Entretanto, grande será o êrro dos que confundirem a espectativa forçada de mocidade com o seu endormecimento. Bem pelo contrário. Do choque das realidades com o sonho, tiram os novos o vivo motivo duma reacção espiritual que não cessa.

Tal reacção, exactamente porque se confina nos limites duma luta interior de discernimento e viva análise de causas e efeitos — traduz-se na angústia sem desabafo e, por isso, mais trágica da sua inquietação.

É certo que as circunstâncias especiais que pesam sôbre o mundo os obrigam a «calar» e a «esperar».

Nada porém terá fôrça para lhes fechar os olhos e tapar os ouvidos.

«Vendo» e «ouvindo», os Novos não deixarão de *julgar*, isto é, de separar o que fôr justo do que fôr condenável; o que fôr útil do que tenha de desaparecer sôbre a terra; o que fôr «antigo», isto é, eterno, do que fôr «velho», isto é, transitório.

Do drama desta tremenda guerra se colherá assim a lição de tôdas as rectificações, daquelas mesmo que as realidades trouxerem às próprias idéias mais consagradas pelo tempo.

Mais livres, porque menos presos a *referências* e *camaradagens*, como sublinha Mounier, os Novos estarão em muito melhor posição para julgar com firmeza e *audácia*.

Audácia é êsse precisamente o clima verdadeiro da Revolução: — audácia em criar outras fórmulas e audácia inspiradora em condenar as fórmulas «caducas». Ai daqueles que se dizem revolucionários e têm medo da própria Revolução.

Só os Novos, ou aquêles para quem o espírito nunca foi «velho», podem na verdade ter uma consciência clara dos deveres que a Revolução impõe nesta dura hora do mundo.

Eis porque na atitude de aparente reserva das gerações modernas se deve pôr uma grande esperança. Na sua meditação e consciente espectativa estão-se preparando para assumir as tremendas res-

ponsabilidades que lhes vão caber no futuro e, desde já, vão procurando forjar, no estudo e na íntima exaltação revolucionária, a sua própria táctica de combate, o seu instrumento de futuras vitórias.

O largo rasto de «cadáveres» que se alonga pelo espaço da sua visão revolucionária do mundo moderno, se os livra de entusiasmos imprudentes, não os afasta dum novo e mais justo conceito de realismo. Um realismo integral, como lhe chama Ducatillon (1), realismo «qui n'exclue aucun aspect du donné réel constatant la distinction, mais aussi l'implication de chacun de ses elements».

Êsse conceito positivo de realismo é um conceito verdadeiramente revolucionário, pois longe de tolher os justos anseios do Homem, pondo limites à sua capacidade criadora de momento, lhes dá antes um maior impulso, apoiando-os nas possibilidades infinitas da vontade humana aguilhoada pela esperança, sempre renovada, de se ultrapassar a si própria. Na «realidade total» existem assim valores reais e valores imanentes, valores materiais e repercussões espirituais dêsses valores, que lhe condicionam o valor efectivo.

Por virtude de semelhante conceito de realismo integral, tôdas as realidades inimigas da justiça,

---

(1) *Obra cit.*

da solidariedade e do desenvolvimento espiritual e material do homem, se não são negadas, são todavia condenadas em nome doutras conquistas mais benéficas, que para além delas se procura alcançar.

Ora, é exactamente neste campo de audaciosa e incessante marcha das conquistas revolucionárias do espírito, que a gente nova se refugia hoje, visionando para além dos desastrosos tempos do presente, perspectivas de que os tempos a vir acumulem tôdas as esperanças. É aqui, nesta posição privilegiada, que os moços logram ultrapassar a Guerra e as suas mais próximas e inevitáveis derrocadas políticas, sociais e económicas; pois que, para além dos sistemas e dos postulados históricos, ora batidos de imprevistos e impiedosos vendavais, se estabelecerá outro plano em que a moral social há-de parecer mais livre para encontrar os novos caminhos da paz e eqüidade que as novas gerações sonham para o mundo novo.

*

* *

Êsse lugar de refúgio e meditação que aos Novos se impôs, a fim de poderem dominar o tumulto da catástrofe do mundo, é na verdade um ponto de partida para a batalha do Futuro? Ou significa — como tantos afirmam — uma posição de renúncia, no caminho de aproveitar suas interesseiras abdica-

ções, num clima próprio a uma geração nova que nasceu desgraçadamente «velha»?...

O interêsse do debate, que surgiu no periódico lisboeta do outono passado, acha-se, repetimos uma vez mais, na resposta que claramente implicam semelhantes interrogações.

Os depoïmentos que puderam vir a público atestam, sem dúvida alguma, que o estado de espírito dos Novos só é momentâneamente de recolhimento e meditação, pois dêle se projecta, clara e viva, a manifesta intenção de tomar lugar a seu tempo na grande batalha travada...

É que também as novas gerações estão diante do imperativo duma indispensável acção, cujos apelos por todos os lados as solicitam.

Também os Novos têm a consciência duma Revolução a fazer: — a sua própria Revolução.

Que espécie de Revolução?

Queriam alguns que as intenções revolucionárias dos Novos fôssem, por êles Novos, precisadas. Desejariam que a gente de amanhã não pusesse a menor hesitação nas indicações do caminho que se propusesse seguir.

Para onde vão os Novos?, clama-se.

Revolução nos espíritos, nos costumes, na moral social, seja! Mas qual o instrumento duma tão grande transformação pelo Mundo, se os Novos recusam servir-se da arma política, a única alavanca susceptível

de lhes dar um dia meios e possibilidades de alterar, como desejam, a marcha dos tempos?

Sempre a conquista do Estado interessou em primeiro plano a todos os revolucionários, como fórma de dominar resistências, enquadrar vontades, e multiplicar esforços. — Se a Revolução dos Novos não visar o Estado em primeiro lugar — não será vão o seu esfôrço, por que vãs serão por certo tôdas as suas conquistas?

A esta dúvida amarga dos adultos — responde pronto, o sereno e seguro depoïmento da gente nova.

A sua Revolução, a Revolução que êles se propõem realizar, deverá primeiro verificar-se nêles próprios e nêles próprios obter decisivas vitórias.

Vencer uma velha sociedade burguesa e anti-humana, é vencer, antes de tudo, adentro do próprio coração, quanto de burguês e anti-humano lá se conserve.

O mundo morre do mal de egoísmo, do mal de dureza, do mal de tôdas as múltiplas traições burguesas contra a nobreza natural do homem.

Os Novos cuidam que isto só encontrará cura se fôr resgatado pelos que conservem a alma pura na batalha.

Um novo conceito de vida, que coloque o homem no caminho da sua vocação, uma mais sólida ética social, para que as sociedades humanas se tornem menos injustas, um mais obstinado propósito de obedecer à regra interior, até ao sofrimento supremo se

preciso fôr, para que êles próprios se tornem mais perfeitos, eis o estranho esquema da acção que os Novos dedicam e oferecem a si próprios como soldados da Revolução em marcha.

Há nêles todavia um grito de liberdade e resgate interior, que não deixa dúvidas quanto à sua clara sinceridade: — é quando êles clamam que querem *viver a sua vida*, isto é, que rejeitam tudo quanto nêles pese ou perturbe o livre desenvolvimento do seu íntimo ser.

*

* *

Muitos dos que consideram precipitadamente a atitude dos Novos, não ocultam o seu desagrado por não partir da Mocidade a iniciativa de certos movimentos que hoje parecem necessários.

Afigura-se-lhes isso quási uma deserção, pois que os Novos de todos os tempos têm cumprido sempre as missões mais gloriosas e fecundas. De certo a atitude dos moços de hoje não se revela, neste capítulo, idêntica à das gerações passadas. Serão, porém, idênticas as circunstâncias que condicionaram épocas diversas? E terão os adultos de hoje a consciência tranqüila, no que respeita a responsabilidades, pela formação do clima em que os Novos vivem agora?

É bem fácil reclamar dos outros o cumprimento de certos deveres, com os quais se colheria benefícios. Entretanto, não deixaria de ser justo preguntar-se que espécie de impulso recebem os Novos, para a sua acção, do exemplo dos «velhos» nos amargos dias que correm.

É preciso ter coragem de dizer tôda a verdade e essa de nenhuma forma — salvo poucas, embora nobres excepções — significa uma honrada posição moral por parte daqueles que ora se surpreendem com a inacção da gente nova. Muito pelo contrário...

Com efeito, a ser-se justo com todos, mesmo com os adversos, deve-se confessar que, àparte certa categoria de dirigentes, que ocupando o Poder, talvez por ofício, se mantêm coerentes na acção — poucos são aquêles que, firme e honradamente, cumprem os seus deveres para com as idéias e para com os homens que a sua fé e a sua confiança elegeram.

As mais insólitas e imprudentes deserções, a mais imprevista e condenável desorientação — tal é o chão de areia movediça sôbre o qual se torna bem difícil construirmos o Futuro.

Republicanos democratas, que sùbitamente surgem autoritários fervorosos; monárquicos de sempre, que bruscamente se mostram contrários à vinda do Rei, eis dois exemplos, entre outros que pode colher a inquietação trágica da Mocidade.

Decerto a batalha de nossos dias tem limites, desconhecidos noutras épocas da História contemporânea; de certo ainda os problemas de ordem particular e geral têm, nesta altura, aspectos desconcertantes. No entanto, nem temores, nem ruínas, nem dificuldades particulares — nenhum dos entraves que podem justificar uma suspensão de armas — têm por si só o poder de anular o alto valor das idéias.

Democratas, onde surgiu já a sua rectificação à Democracia, vencida na paz e na guerra?

Estatistas, onde se mostra já a sua coragem espiritual revelando fórmulas novas de «humanismo»?

Não! Uns e outros adormeceram, embalados por velhos métodos, para além dos quais as almas inquietas dos que sofrem e dos que anseiam procuram em vão uma saída, um possível caminho de salvação.

Conservadores da «Democracia», conservadores da «Ordem», quem cuida dos interêsses da Justiça?

*

* *

Os Novos começam por ser a natural projecção do pensamento dos mais velhos.

Nos antigos sectores dos velhos, onde encontram êles ponto de apoio para firmar a sua esperança?

Como admirarmo-nos então de que se *calem* na hora presente?

Isolados, recolhidos no reduto íntimo da sua consciência revolucionária, os Novos esperam... Que tremenda explosão não estará porventura a gerar-se dentro da sua alma dorida, cheia de ardentes e trágicos cuidados?

Explosão sagrada será! Explosão violenta de todos os sentimentos de grandeza humana, calcados pela injustiça dos tempos no peito dos Novos, libertos sempre de todo o ódio, mas sempre sedentos de tôda a justiça.

Confiemos nela! Para além da Guerra, pela vivificação indomável da Revolução Nacional Social, será ela, por certo, a melhor condição do resgate!

CAPÍTULO V

Para Além da Guerra

I

A Revolução da guerra

QUEM, atentamente, consegue seguir a marcha desta guerra, seguirá do mesmo passo o processo duma revolução, ou antes o processo da Revolução na sua fase actual.

Começa esta tremenda crise europeia pela realização dum colectivismo de Estado, poderoso e absoluto, na Alemanha Nacional-Socialista. Organização da economia, das indústrias e do aparelho de guerra, no plano duma convergência em que tôdas as engrenagens funcionam, automática e superiormente, comandadas pelo Estado. O dia da declaração de guerra inicia, neste sentido, a era de apogeu duma ideologia revolucionária, à cabeça das Nações.

Qualquer vestígio dos tempos anteriores a Hitler, que ainda restasse nos hábitos ou na mecânica do

Poder, é varrida de golpe pela rude mão dos ditadores «socialistas-nacionais», no momento em que se decidem enfrentar a guerra total (1).

Os próprios dirigentes, postos ao leme das grandes emprêsas, são escolhidos, não com a preocupação de encontrar técnicos, mas sim com a intenção de insuflar à orgânica geral o puro espírito da ideologia nacional-socialista. A Hitler cabe a condução da guerra, a Goering e a Funck a economia e a indústria, Ley organiza o Trabalho voluntário, Todt trata das estradas, das comunicações, e assim para todos os ramos da actividade nacional mobilizada.

A Revolução, na sua fase anti-individualista, atingiu desta forma em terra alemã, a sua máxima expressão. Na Grã-Bretanha a guerra realiza também altos triunfos para a Revolução em marcha.

Foi uma extraordinária surprêsa para o mundo a resolução revolucionária que representa o famoso Decreto Atlee — todos os bens, todos os direitos individuais ao serviço da comunidade — decreto aprovado sem discussão pelo Parlamento de maiores tradições individualistas do globo.

Lordes e Magnates, todos os feudais ingleses, que

---

(1) Noutro livro, em preparação, serão focadas as medidas estatistas alemãs, inglesas, americanas e italianas provocadas pelas imposições da guerra.

no nosso tempo gritavam ainda o orgulho dos seus privilégios e dos seus capitais, sentiram passar de súbito sôbre suas cabeças o vendaval irresistível da Revolução da guerra. Assistem, então, curvadas e impotentes, à condenação e morte de todo o espírito individualista, que era a própria base social da sua Ilha e o sentido da sua História.

Assim, os ingleses começaram a guerra por uma derrota ideológica e uma conseqüente vitória da Revolução, graças à qual a comunidade nacional encontrava, numa hora, a fórmula duma total realização jamais atingida através de séculos.

Sabe-se como, na Itália fascista, coube ao corporativismo o papel coordenador por excelência na organização duma perfeita autarquia.

A marcha da Revolução nos Estados-Unidos assinala-se pela mesma curva de esforços com que êsse país enfrentou a outra guerra.

Por um singular paradoxo — como tantos que enchem a História — os dirigentes americanos não puderam lançar-se na batalha exterior «pela Democracia» sem primeiro vencerem, dentro do seu país, as dificuldades e os entraves que a própria Democracia opunha aos seus desígnios.

Só no dia em que Roosevelt obteve, pelo prestígio inegável da sua pessoa, o voto federal de todos os seus ilimitados poderes — só nesse dia a guerra deu verdadeiramente um passo decisivo; mas, nesse

dia também, deu outro a Revolução, outro passo ainda mais decisivo do que aquilo que os americanos podem hoje imaginar.

Debalde se havia erguido o clamor interessado de mil propagandas, debalde retumbara o eco de prodigiosos e sucessivos acontecimentos... Para fornecer ao esfôrço económico e ao esfôrço militar um valor leal e eficiente foi preciso um verdadeiro golpe revolucionário, para além do qual a Democracia dos hábitos e das Instituïções perdeu todo o seu sentido, tôdas as suas virtualidades de poder.

Das vantagens que Roosevelt conseguir tirar dessa Revolução, dependerá, na verdade, tôda a extensão do esfôrço americano, pois só elas poderão realizar a unidade da nação em luta — sem a qual pode haver luta, mas luta sem esperança de vitória.

Outro também exemplo do triunfo sensacional da Revolução na guerra acaba de no-lo dar o Japão.

As hesitações dos partidos e dos homens públicos japoneses, filhas em grande parte dos cálculos dos grandes Matsuis, da finança, tudo isso foi varrido por Tojo, general socialista, que apoiou no exército e na mística guerreira o seu plano revolucionário de criar uma alma colectiva à nação.

Assim, por tôda a parte, na Europa, na América, na Ásia — a Revolução vai conquistando o seu

caminho passo a passo, quando não de chofre mercê do prodigioso impulso que a guerra lhe imprime.

O Individualismo morreu. Os velhos métodos da Democracia liquidaram finalmente e por forma definitiva.

E debalde se quererá ver nos sobressaltos do Parlamentarismo britânico outra coisa do que meras aparências falazes de vida. A Revolução da guerra é indiscutìvelmente quem domina os seus debates e ordena tôdas as decisões.

O destino de Churchil depende, com evidência, mais directamente das imposições da guerra do que do jôgo político das facções.

A guerra fêz ultrapassar todos os velhos métodos de govêrno liberal-democrata, pela prova que nos trouxe do que, no jôgo das suas engrenagens, havia qualquer coisa que nunca funcionava a tempo.

Sente-se agora que o centro de gravidade do clima político se vai deslocando no sentido de outras realidades, de outros valores de representação e de comando.

As indicações desta marcha são seguras e evidentes como as posições sucessivas dum plano inclinado.

A Revolução da Guerra não pode passar, antes prosseguirá, no encadeamento inexorável das suas conseqüências.

II

Subsistirá uma civilização especìficamente europeia?

Por que insistem os europeus no orgulho de proclamar o valor duma civilização especìficamente sua? Que estreito espírito de bairrismo os não deixa ver como os tempos ultrapassaram as referências a que estão acostumados.

Subsistirá, na verdade, uma «civilização europeia» «ocidental» em nome de cuja pureza se preguem cruzadas e aprestem lanças protectoras?

Eis um problema que esta guerra nos ajuda ainda a equacionar deduzindo-lhe as lógicas conseqüências.

Se, na verdade, em nosso conceito, civilização significa um modo particular de pensar, de agir, de sentir, numa palavra, de viver, comum a certo número de povos — é evidente que muitas são hoje as rectificações indispensáveis a um pensamento que a torne exclusiva de determinada expressão geográfica.

Com efeito, a velocidade aboliu pràticamente o espaço que separava povos e continentes e a vida humana tomou, por essa e outras razões, caracteres comuns, tirados das criações políticas, sociológicas, científicas, arquitectónicas, artísticas — por tôda a parte generalizadas. De sorte que a *civilização europeia* deu lugar, em rigor, a uma civilização mundial, isto é, à Civilização.

É certo que o processo desta civilização começa na Grécia, onde *ordem* queria significar justiça, pois a *lei* confessava a dependência da *razão;* e continua-se em Roma, onde o conceito universalista dos «Romanistas» alarga a todo o mundo conhecido uma ordem espiritual comum, que mais tarde serve de base ao Cristianismo para realizar o mundo moderno. É certo, por isso se deve atribuir à Civilização uma origem europeia.

É no entanto sob um signo que abrange *horizontes* bem mais largos do que os da velha Europa, que ela se manifesta, pois as interpretações e *apports* que entre si trocaram todos os povos da Terra lhe deram evidente e um seguro aspecto universal.

Com bem maior justiça se apelida a Idade presente de Civilização Moderna, ou Civilização Industrial, querendo com isso significar que um clima universal nas leis, no pensamento e no conceito da vida se estabeleceu nesta época, que é por excelência uma época industrial.

Vários factores contribuïram para a generalização dêste clima moral que estandartizou o mundo moderno.

Eis, com efeito, que a vida humana começou a ser sobretudo citadina ou em função dos grandes centros, industriais. A vida dos campos, que é onde se guarda mais estruturalmente a tradição dos velhos costumes

e antigos hábitos, passa ràpidamente para um plano secundário, enquanto grandes massas populacionais correm às oficinas que surgiram, pouco a pouco, nos quatro cantos do mundo.

Uma febril ânsia de riqueza acorda os instintos do homem, adormecidos pela lenta e deficiente existência rural.

A vida interior, a vida de meditação e recolhimento espirituais deu lugar a uma vida intensa, dura e porfiada de acção que tudo absorve e consome. O homem voltou-se todo para o exterior.

Ora esta maneira de viver, linear e activa, dentro de círculos de idênticas necessidades e idênticas aspirações, passou a ser regra de conduta para todos os grandes povos da Terra e tanto em Londres, como em Nova-Iorque ou em Tóquio cromatiza em tons idênticos a tela da Civilização.

*

* *

Esta vida do homem na idade da grande indústria não é, evidentemente, uma vida *natural*, construída sôbre regras naturais, que assegurem uma existência normal em contacto com a natureza. Pelo contrário, as circunstâncias em que vulgarmente se move a vida humana, dentro dos limitados círculos das fábricas, dos escritórios, dos armazéns, cingem-se

à área das cidades. Essa vida é tôda de artifício e decalcada sôbre modelos idênticos mas, por isso mesmo, constrói-se mais fàcilmente fazendo tábua rasa das características particulares dos povos.

Eis, pois, uma civilização que originàriamente foi europeia e hoje se tornou de todo o mundo, fecundada pelos caracteres peculiares de cada povo. Não só, porém, conquistou tôdas as regiões da Terra como, por sua vez, recebeu o influxo de conceitos exteriores que alteraram a pureza da sua originalidade.

E, assim, hoje em dia, o mito duma «civilização europeia» se pode ainda servir de tabuleta a certas e interessadas propagandas, está bem longe de poder traduzir um interêsse real, forte interêsse do nosso tempo. Talvez, por isso, é que aquêles mesmos que proclamam a sua crença nesta velha fórmula caduca, lhe procuram o refôrço duma base religiosa: — Civilização Europeia, Ocidental e Cristã...

Nada, no entanto, mais contrário a semelhante conceito de que o próprio espírito do Cristianismo, duas vezes universalista: pela origem divina do seu aparecimento sôbre a Terra e pelo *processo* latino e neo-latino da sua expansão.

Eis, pois, para além do mito ultrapassado, êste grande acontecimento do nosso tempo: a civilização deixa de ser asiática ou europeia para ser universal.

O conceito civilizador de Roma abraçou então tôda a Terra conhecida; mas agora a Terra conhe-

cida é todo o globo que habitamos e, a todo êle, se estendeu e adiantou o conceito da universal civilização que de Roma herdamos.

Êste é o grande facto.

A guerra, fazendo realçar, nas quatro partes do mundo, a realidade de tantos factores que a tôdas elas são comuns, trouxe também uma prova definitiva, se bem que trágica, de universalidade da Civilização.

Para além do Europeu, do «branco», do «amarelo», do «negro», o conceito que a todos os povos, a todos os continentes e a tôdas as Raças sobreleva e domina, é o conceito universal do Homem.

III

O homem na hierarquia dos valores da revolução

Para muitos dos que estudam a marcha desta assombrosa guerra reforça-se, dia a dia, a convicção pessimista de que, embora no domínio da técnica o Homem tenha demonstrado a pujança do seu génio, — como coeficiente moral do seu destino revela-se demasiado insuficiente, para não dizer incapaz.

Assim, desde Setembro de 1939 que a luta se mostra num infindável e estranho encadeamento de

imprevistos, e, mais do que imprevistos, de puros enganos.

Engana-se a Polónia em face da Alemanha e das possibilidades dos anglo-franceses; enganam-se os anglo-franceses frente à Alemanha; engana-se a Alemanha quando supõe possível a paz com a Grã-Bretanha a seguir a Dunquerque; engana-se a Itália pensando jogar no bom momento para entrar no conflito; engana-se a Alemanha no conjunto das possibilidades da Rússia e engana-se a América perante o valor real do poderio Japonês...

Êstes erros nas informações, nos cálculos de ordem psicológica, nas previsões, nos comandos; a falência dum organismo como o *Inteligence Service*, as hesitações do Alto Comando Alemão quando Rommel, chegado a Boulogne, lhe pede instantemente barcos para atravessar a Mancha; a jactância funesta do ataque italiano à Grécia e essa outra de Graziani, anunciando em Roma os próximos triunfos no Egito nas vésperas mesmo do seu desastre, da sua final liquidação; os erros de Wawel na Líbia e os do Almirante da esquadra inglesa em Singapura, que improficuamente liquidam o «Prince of Wales» e o «Repulse»; a falta de informações nos cálculos de Brawchitch sôbre a Rússia e nos de Roosevelt sôbre o Pacífico — tudo isto que prova senão a insuficiência do coeficiente humano ante a grandeza dos factores que condicionam a luta?

De sorte que os observadores pessimistas preguntam sombriamente se a actual crise do mundo não será principalmente a crise do Homem, que tendo desenvolvido uma poderosa civilização industrial, não se encontra todavia à altura de a saber dominar em campo algum, e sobretudo naquele em que é preciso coordenar todos os valores espirituais e materiais, determinar o alcance do seu verdadeiro potencial, no espaço e no tempo.

A falência do factor humano é pois evidente — afirma-se — e ela explica, de sobejo, a grande crise de civilização que se atravessa.

Mesmo num plano diferente daquele em que se debatem os problemas da guerra se erguem clamores repassados de pessimismo.

O Dr. Carrel que tratou, com muito cuidado e longa soma de observações, o momentoso problema no livro «L'Homme cet Inconnu» (1) confirmou há pouco (2) a Recouly algumas das suas amargas considerações.

Assim, entre outras coisas de relêvo, assevera o ilustre sábio que: *L'intelligence n'a pas grandi en meme temps que sa tâche. Elle ne sait pas dominer son euvre*». E, ainda, que: «*Dans ce milieu* (o meio

---

(1) ...

(2) ... *Gringoire.* — 26-XII-41.

industrial moderno) *qu' entrave son devellopement organique et spirituel l'homme se détériore. Il ne sait diriger ses institutions, ni se dirige lui-méme. Il est incapable de saisir le bonheur, mis par la science a portée de sa main*».

Todavia o julgamento de Carrel é ainda mais definitivo quando exclama: «*Nous avons construit un monde qui ne nous convient pas*».

Decerto não são de hoje os clamores contra a *máquina* e contra a febre da época industrial, em que o homem se tornou escravo.

Serão sempre justas essas observações? Será na verdade um facto indiscutível a demissão do Homem em face dos problemas que a indústria moderna suscitou?

Não se pode decerto negar a crise, mas confessá-la não supõe necessàriamente que ela seja sem remédio?

E assim supôs-se que o Homem falhou na sua missão superior só porque criou uma técnica de que ainda se não sabe servir com total proveito, seria, evidentemente, precipitar um juízo, contra o qual se revolta tôda a história das conquistas do espírito.

É um facto que, na vertigem das suas descobertas de ordem material, o Homem se esqueceu da própria essência do seu espírito e do tributo que a sua vontade deve à sua inteligência criadora. À fôrça de traduzir a visão do mundo apenas em valores

e presenças sensíveis de mecânica e de estática, o Homem perdeu-se das regras ocultas que lhe condicionam a vida psíquica superior.

Tal é a razão do protesto de Daniel Rops. Tal é «Le monde sans Ame», de que se queixa essa sensibilidade amargurada.

A crise do mundo é pois, sobretudo, um desequilíbrio. Não estará o remédio em encontrar-se um acôrdo seguro entre o Homem e os imperativos da sua vida sôbre a Terra, entre o espírito humano e as realidades naturais que êle não consegue assimilar?

Todo o processo da civilização cabe dentro da eterna fórmula: análise e síntese.

Por certo incumbirá ao Espírito essa missão que é a um tempo de coordenação e impulso.

Surgirá então uma nova ordem, nova ordem que de todos os cantos da terra se reclama, porque em tôda a parte se tornou crucial necessidade: — Ordem viva, activa, criadora, ao contrário dessa estática e paralítica ordem velha, morta sob os escombros do velho mundo.

O verdadeiro processo revolucionário de transformar os tempos acha-se sem dúvida nesse conceito regulador mas imperiosamente dinâmico de ordem nova.

Dentro dela harmoniza-se o Espírito e a Natureza, cabe o sacrifício e o resgate e realiza-se a Paz pela Justiça.

Essa ordem nova será pois, seja qual fôr o duro caminho para a encontrarmos, uma suprema etapa na marcha dos destinos humanos, um definitivo passo — por cima de tôdas as tristes aparências — para um melhor desenvolvimento espiritual e material do Homem.

Na hierarquia de valores da Revolução, de que esta guerra está sendo a trágica impulsora — é tôda a grandeza da essência humana que está já afirmando e defendendo os seus direitos.

Para além da catástrofe, para além das ruínas que enchem o mundo, vai o Homem surgir mais engrandecido, embora haja de estilhaçar-se sem piedade a íntima estrutura das presentes comunidades sociais.

O duro calvário desta tremenda guerra está fazendo despertar na Pessoa Humana o sentido total duma consciência que os tempos tinham feito como que diluir-se, obliterar-se, desvanecer-se, enfim, no chão de areia da paz burguesa, da paz capitalista... Uma profunda revolução interior, que os acontecimentos fizeram explodir dentro do Homem tal é o processo que liberta a Pessoa Humana da sua miséria, do seu egoísmo, do seu temor — erguendo-a, através da depuração pelo sacrifício, aos cumes da sua vocação solidarista, abnegada e heróica.

Não é já êsse Homem, assim liberto, assim dignificado, assim engrandecido, que está decidindo os lances desta guerra sem-par? Não será o seu protó-

tipo que por vezes se tem visto surgir das refregas trágicas, o rosto enegrecido pela pólvora ou pelo combate com a máquina, a quem impõe a sua dura vontade e os olhos ardendo na flama divina do seu orgulho, por haver oferecido a vida, por haver dominado a própria morte?

Estratégia, táctica, valor do material, orgânica dos exércitos e das nações — outras tantas fórmulas a que uma só presença fecunda e concretiza o valor decisivo: o potencial humano.

Assim, numa guerra e numa época em que o Homem parecia destronado em benefício da máquina, do grupo, da massa, da nação, numa guerra em que o Homem surgia como o maior vencido — ei-lo que volta ao seu trono de soberana evidência, ei-lo que aparece como único vencedor!

Com efeito o homem que perdera até a memória do seu próprio nome, o soldado que se tornara «desconhecido» — um e outro reapareceram, encarnados na mais alta e viril expressão de heroísmo, e brilhando com um clarão de estrêla na noite sombria dos destinos do mundo.

Na coluna infindável dos exércitos em marcha, o Homem chegava a confundir-se com um simples número, comummente anónimo e, de súbito, ei-lo que se torna relâmpago resplandecente a iluminar tôda uma página de História.

Nos dias trágicos da «batalha de França», quando

os «comunicados» de ambos os lados eram clamorosos boletins históricos duma tão grande contenda que nela se jogava a vida de milhões de soldados — o comando alemão suspendia, num gesto de homenagem, o fragor duma odisseia, que era o espanto ansioso do mundo, para apontar o heroísmo e a glória dum simples capitão ou dum modesto tenente, cujos nomes, até ali obscuros, iam para sempre ficar gravados nos anais da História contemporânea.

Esta atitude do alto comando germânico rompendo com a tradição de só exaltar os grandes chefes do exército vitorioso, para, em primeiro lugar, proclamar o exemplo admirável de alguns subalternos — homenagem sincera, ou apêlo interessado às supremas virtudes da alma alemã — significa, em qualquer dos casos, o mais extraordinário preito que os chefes dum exército totalitário podiam prestar ao valor individual, ao intrínseco e íntimo valor da Personalidade.

Prodigioso milagre!

Os meios de que se serve a Providência para realizar os seus desígnios serão imprevistos para o Homem. Parece supreender-nos, pois, se esta guerra, nascida sob o signo de estatismos triunfantes, trouxer, por caminhos desconhecidos, o triunfo integral da Pessoa Humana?

Desde já ela se afirma, esta guerra tenebrosa, como violento mas salutar protesto da abdicação

torpe dos homens em face das dificuldades, da luta, da vida dura — rompimento salvador do *far-niente* pútrido dum mundo comodista e corrupto. Já também ela se revela geradora, poderosa e superior, dos novos valores morais que darão amanhã o impulso decisivo ao mundo em formação.

E, assim, nesta sangrenta evidenciação dos mais activos, dos mais enérgicos, dos mais perfeitos caracteres, não estará porventura o processo vivo de se constituïrem novas *élites* através das quais a Natureza, como enviado Divino, apresenta um novo Homem, o Homem representativo duma nova Época, maior e melhor para as sociedades humanas?

Quererá isto dizer que a sociedade futura será apenas uma sociedade de heróis, onde assumirá sempre a primazia o espírito guerreiro? De forma alguma. O heroísmo é, antes de mais nada, uma atitude moral criadora que, se na guerra floresce em actos de glória militar, pode na paz traduzir-se em civismo, em actos de consciente devoção ao bem público.

E assim como, no embate entre duas formações de batalha de igual expressão numérica e de equivalente material bélico, resultará vencer aquêle em que predominar uma soma de valores humanos de mais alto coeficiente moral e técnico — também nos destinos das nações terá valor decisivo o coeficiente das suas *élites* futuras, morais e espirituais.

Da guerra como da Paz vai resultar, para a nossa serena espectativa, uma sólida apologia do potencial humano como valor primacial na hierarquia dos valores da Revolução. Tudo, desde já, o demonstra e aponta.

Regressou-se aos velhos tempos, anteriores à Revolução Francesa, em que os exércitos valiam mais pelo brilho dos seus quadros profissionais que pelo número e pela fôrça das massas de manobra.

Nos soldados de hoje volta a reconhecer-se que, acima do número dos seus batalhões, do rigor da sua disciplina e do valor do seu material, se encontra outra vez o quilate da sua têmpera pessoal.

Desta forma é que o «tonus» moral dos soldados alemães conseguiu fazê-los suportar, na passagem do Mosa, horas e horas sem desfalecimento — nessa trágica ponte de soldados mergulhados na água até aos ombros e sôbre os quais desfila sem cessar o passo rude e pesado de inúmeros regimentos (1). Foi assim igualmente que os marinheiros do *Exeter* marcharam ao assalto do *Graff Spee* sob as rajadas mortíferas dos canhões alemães, que pesadamente os dizimavam mas não puderam conter o impulso heróico dêsse heróico sacrifício. Foi assim ainda a

(1) É assim também que, durante a mortífera invernia russa, os bastiões germânicos resistiram a todos os assaltos dos contrários.

conduta sem-par daquele frágil barco auxiliar britânico que, no Mar-do-Norte, fêz frente a um cruzador de batalha, preferindo a morte gloriosa no fundo do oceano a ter de abandonar o seu pôsto de sentinela inabalável. É assim, finalmente, a estupenda odisseia japonesa dos barcos suïcidas, dos submarinos-torpedos, frágeis esquifes carregados de metralha em que os tripulantes, para vibrarem os últimos golpes, têm tantas vezes que oferecer a própria vida.

Eis pois o Homem, exausto e repassado de frio, o Homem rígido pela morte, ao sabor das vagas, o Homem feito estilhas na explosão do torpedo — e todavia Homem sempre e Homem sempre triunfante. E de tal forma que, quanto maior fôr a sua dor, o seu sacrifício, a sua tragédia heróica, mais glorioso e mais alto é o seu triunfo, pois mais alto e glorioso é o sonho da sua Alma!

Quantos exércitos poderosos, não capitulariam sem combater, e quantos formidáveis navios não iriam inglòriamente para o fundo, se não houvesse corações com têmpera de aço para os comandar e timonar até à morte?

Só em função da Personalidade Humana, da sua iniciativa, do seu espírito de sacrifício, dos seus rasgos de visão e da sua capacidade de resistência — só em função do valor próprio da «Pessoa» nos comandos e nos soldados, se pode determinar, verdadeiramente a qualidade dos exércitos, a eficácia das armas e o rendimento das máquinas de guerra.

Assim esta guerra revela, determina, reforça e exalta — por cima de todos os elementos da batalha política, económica, militar, o valor supremo, o índice máximo que a todos anima e impressiona — o Homem.

A Revolução da guerra continua assinalando a curva lógica da evolução dos tempos.

CAPÍTULO VI

O Caminho do Futuro

Esquemas

NA batalha em que arde o mundo tôdas as hipóteses podem alinhar adesões sinceras. Estudá-las objectivamente, com clara serenidade, é problema difícil para quantos não conseguem descontar o seu ponto de vista particular, a sua própria paixão; mas não deixa de também ser problema de interêsse imediato e seguro pelos elementos que deve fornecer à compreensão das perspectivas do futuro.

É bem evidente no momento em que, dum lado e do outro, se fazem os mais desesperados apelos à violência e à luta total, que qualquer observador que surja a colocar-se — embora momentâneamente — acima da batalha, corre o risco de ser mal compreendido e interpretado. No entanto, é precisamente

agora, que a vitória não trouxe ainda a qualquer dos campos o conformismo dos satisfeitos, que convém focar e registar as respectivas posições. Os clamores que dos dois campos se erguem, com insistência e fragor, indicam suficientemente as atitudes de cujo choque resultará um caminho novo para o mundo.

A dificuldade estará talvez em poder encontrar a verdade dos objectivos proclamados por cada grupo beligerante num comentário livre das necessidades e nos *slogans* das propagandas.

Com efeito, nesta luta de vida ou de morte, até os sentimentos são mobilizados e entram no combate, em disfarçada ou aberta ofensiva. Os aspectos da batalha moral mostram-se, desta maneira, informados pela mesma violência e pela mesma astúcia que os lances do duro combate das fôrças armadas.

Por isso, nesta hora de tôdas as confusões, quando se procura compreender e anunciar o futuro, é que melhor se descobre a trama de que se tece o pensamento bélico de cada um dos blocos em que se divide o mundo actual e melhor se aquilata também o valor real das suas intenções particulares.

Para êsse efeito, repete-se, só pode ter interêsse um exame que não tenha a orientá-lo qualquer posição de partido.

Homens, métodos, princípios, há que observá-los e considerá-los fora de quaisquer preocupações que não sejam as de tudo entender no seu valor real e

no próprio quadro das verdadeiras circunstâncias que os rodeiam.

É nesse espírito que se tenta abordar aqui uma visão serena da batalha e das suas naturais conseqüências.

Visão esquemática, que outra não seria de tentar neste momento; visão, no entanto, necessária para ponto de partida em que se apoie uma antevisão dos tempos futuros.

*
* *

A formação de dois grandes blocos que partilham entre si o globo na sua totalidade, acarreta naturalmente problemas de fundamental e decisiva importância. Jôgo de alianças, interdependência de valores espirituais, orientação e marcha comum de Nações de sentido moral diferente — tudo o que o interêsse duma aliança ou duma coligação suscita.

Para onde vai então o mundo, pregunta-se, se o grupo a que a Rússia pertence fôr o vencedor? Não se vê já nìtidamente projectar a sombra sinistra de Estaline por sôbre tôda a Europa?

Partida a máquina de guerra alemã, não se torna bem evidente que nada deterá as fôrças soviéticas na marcha para o Ocidente.

Com a França do Marechal tem José Estaline contas largas a ajustar. E bem mais largas ainda

serão aquelas que êle deseja saldar com Mussolini e com Franco. Os *sovietes*, pois, ocuparão a Europa tôda como onda que, galgando o quebra-mar dum pôrto, invade e inunda as terras inexoràvelmente.

A Inglaterra, essa, poderá talvez evitar a invasão das hordas armadas, porque se recolherá ao isolamento da sua ilha; mas não poderá conservar-se por muito tempo imune à invasão espiritual do comunismo, que, senhor da Europa, em breve passará vitorioso o canal.

O triunfo do Bloco Inglês significará, portanto, a queda inevitável da nossa actual civilização e o conseqüente advento do comunismo judeu-mongólico que fêz a ruína da Rússia.

A isto respondem as teses inglesa e americana afirmando absurda e falsa conclusão germânica.

A vitória inglesa e dos seus aliados, dizem elas, só é possível, em definitivo, com a contribuïção de uma «frente» anglo-saxónica na Europa. Ora essa frente de combate, com tôdas as possibilidades americanas e britânicas congregadas, não só baterá os alemães, como constituïrá a fôrça considerável suficiente para opor uma barreira necessária à subversão da Europa e, portanto, ao comunismo, tão perigoso para esta como para as próprias Grã-Bretanha e América.

De resto não começou esta guerra por um tratado de colaboração russo-alemã?

Entretanto, na hipótese da vitória do Bloco Alemão — preguntam os seus adversários — para onde iria então o Mundo?

Não será bem claro que essa vitória significaria a morte de tôdas as liberdades e, pelas mãos dum estatismo sem limites, o esmagamento de todos os pequenos povos dentro duma «ordem nova», que é a fórmula de escravização de tôdas as nações à fôrça do imperialismo germânico — Herren-Volk — Povo de Senhores, como diz Hitler, nação eleita, «raça superior» e «providencial»?

De nenhuma forma, objectam os alemães. O estatismo reforçado, de que hoje nos servimos, não constitui um fim em si mesmo, mas apenas um meio. Desde que o povo alemão obtenha, internamente, o bem-estar e a justiça social que ambiciona e, externamente, o lugar a que tem direito, nada se oporá a que o regime evolucione no sentido das justas liberdades e do natural respeito pela integridade dos outros povos.

A «nova ordem europeia» implicará apenas uma orientação nacional-socialista e alemã, no quadro das actividades europeias. Recusamo-nos, porém, a reconhecer qualquer espécie de autoridade à Inglaterra, no que se refere a justiça social e de consideração pelos outros países. A Alemanha actual, socialista e popular, está muito acima da velha Inglaterra, capitalista e feudal. No próprio campo da representação

política nós marcamos e significamos um passo em frente, pois desafiamos qualquer chefe das chamadas democracias a que consiga realizar, como o conseguiu Hitler, uma tão larga e tão entusiástica colaboração popular.

Depois, como se atreve a Grã-Bretanha, cujo império foi construído à custa de esbulhos e do esmagamento de tantos povos, a Grã-Bretanha escravizadora da Índia, do Transval — dum têrço do mundo — como se atreve ela na verdade a proclamar-se garantia e caução da integridade dos outros povos?

De acôrdo — concedem os ingleses — de acôrdo que a nossa posição fôsse inferior em justiça social à posição alemã no comêço desta guerra.

Começámos na verdade esta luta em posição de derrota ideológica.

Hoje, porém, uma nova Inglaterra está em vias de surgir das ruínas do velho mundo inglês. Uma grande revisão, no quadro dos valores sociais, está em marcha por todo o País, atingindo tôdas as classes e manifestando-se através dos mais imprevistos lances desta guerra: desde a legislação Atlee, que submeteu todos os individualismos ao bem comum, até aos bombardeamentos aéreos de Londres que atribuïram, por motivo de fôrça maior, as grandes casas dos Lordes à ralé da Capital.

A Inglaterra, mantendo-se conservadora e tradicionalista no seu regime político, tende no entanto,

clara e seguramente, para a Revolução nas suas conquistas sociais.

De um Sir Cripps a um Dr. Temple, passando pela atitude ousada da Câmara dos Lordes, tôdas as facêtas sociais e religiosas da nova Inglaterra se estão dia a dia revelando neste sentido.

E, se é certo que o Império britânico teve de vencer resistências e dominar povos para poder formar-se ao longo dos tempos, quão diferente no entanto é o seu velho conceito imperial daquele que move hoje alemães e italianos.

Nós respeitamos as crenças e as idéias políticas dos povos que constituem o império, consideramo-nos totalmente alheios aos seus sistemas de govêrno e às pessoas dos seus governantes desde que estas nos não sejam hostis.

O conceito imperial alemão ou italiano, pelo contrário, é um conceito de conquista total, totalitária de corpo e alma — dos povos que lhe sofrem a cobiça.

Mas não só nisso se mostra a nossa diferença e a nossa utilidade.

A Inglaterra, ocupando posições estratégicas que dominam todos os mares e mantendo ainda a mais forte armada do globo, não ocupa apenas um lugar de usufruïdor exclusivista e egoísta; antes tomou sôbre si a responsabilidade tremenda e utilíssima de guarda e civilizadora dos oceanos. Ninguém poderá com justiça ignorar, nem deixar de confessar que

essa acção de policiamento e ordem tem sido levada a cabo com zêlo e eficiência. Desta maneira a Inglaterra bem merece a gratidão dos povos marítimos e, se durante largo período se tornou uma necessidade europeia, no nosso tempo constitui sem dúvida uma necessidade mundial.

Entretanto ninguém poderá hoje acusar a Grã-Bretanha de menos respeito pelo *statu-quo* territorial estabelecido por acôrdo dos estados modernos, ao passo que os nossos inimigos subjugam, sem hesitar, a Áustria, a Boémia ou a Abissínia...

O respeito inglês pelo *statu-quo*, respondem irònicamente os adversários, é apenas o respeito dos povos *satisfeitos*, que já têm sob a garra adunca um têrço do mundo para devorar. Como o inglês encontrava-se também satisfeito o francês. É que o mundo pertencia-lhes.

Como grandes e felizes capitalistas êstes povos, senhores das riquezas dos continentes, desejavam que todos os outros lhes respeitassem a alegre digestão, o esplêndido *statu-quo* da sua riqueza, sabe Deus como acumulada.

Para êles, os povos que vieram depois e que encontraram a terra repartida pelas suas ambições saciadas, para êles, os outros povos faziam a figura intempestiva dos proletários que vinham estragar o equilíbrio cómodo, a boa paz da sua riqueza farta.

Mas com que direito é que nações de escassa

população, cansadas da sua própria grandeza, ocupam assim vastas terras, que são incapazes de aproveitar enquanto outras, pletóricas de gente e de energias, se vêem contidas dentro de limitadas fronteiras onde mal se podem mover?...

Destarte nós alemães e nós italianos queremos, exigimos uma melhor distribuïção da riqueza da terra, distribuïção mais equitativa em relação directa com as necessidades populacionais de cada povo e os merecimentos do seu génio próprio. Reclamamos justiça e pão para cada homem, à face da terra, em vez da abundância inútil que é hoje em dia apanágio de alguns imperialismos...

...E o debate alonga-se indefinidamente, com argumentos, duma e doutra parte, arrancados à astúcia das Propagandas ou resultando, nítido, do choque das realidades.

Uma coisa resulta, porém, bem evidente — e para tanto nos basta o exame sumário das *razões* que aí ficam alinhadas — é que dêste desenrolar de opiniões e argumentos que tão rudemente se combatem, desta mobilização, dum e doutro lado, de palavras que ferem como baionetas e estouram como granadas — sobressai um sentido superior, que é indiscutìvelmente comum aos dois pensamentos em batalha e em ambos revela a mesma preocupação fixa, a mesma finalidade magnânima: justiça e abundância no mundo, melhores dias futuros para o Homem sôbre a terra.

Debalde a temerosa contradição de interêsses em luta e a porfiada divergência ideológica dos dois grupos em presença parecem atribuir ao grande conflito um sentido irredutível e inútil.

A Revolução da guerra cumpre, porém, a missão divina, que é a de eleger os elementos necessários a uma síntese criadora: realização, no Espaço e no Tempo, duma unidade do mundo, que hoje é talvez utopia inconcebível, mas amanhã será decerto milagre consumado.

Missão estranha, missão divina, na verdade, pois que tôdas as vezes que à marcha do mundo se opõem indomáveis entraves acumulados pelos erros dos homens, tôdas as vezes que já se não descortina, para êle, uma saída, surge então a explosão gigantesca que pulveriza muralhas, quebra cadeias e rasga — enfim — o caminho de seus destinos futuros.

II

As lições da Guerra

Os ensinamentos, que já hoje é possível colher desta temerosa e complexa guerra universal, são por certo decisivos para um julgamento sereno e de serenas conclusões.

O imperativo da luta, actuando em tôdas as engrenagens e pesando em tôdas as reflexões, está cumprindo largamente a sua função realista e rectificadora. Ai de quem se iludir! Todo facciosismo e mau conselheiro.

Ao cabo da guerra de 14-18 um côro geral, optimista e triunfante, se ergueu aclamando a definitiva e total consolidação das Democracias. Confundindo as realidades com seus anseios e esperanças, não lhes foi possível um exame claro das conseqüências do grande conflito. E, no entanto, aproximava-se a maior crise das Democracias.

Hoje em dia apesar da dura lição do passado e dos claros ensinamentos dos tempos que correm, haverá todavia vaticínios que não tenham por base outro motivo que a paixão que os condiciona?

Na verdade, a visão serena do momento que os povos em luta estão vivendo já não deixa margem a grandes ilusões. Tudo está ultrapassado pela fôrça imperativa da dignidade humana, rasgando o seu caminho.

A Democracia, não tendo sabido fazer a paz nem tendo sabido prever a guerra, encarou tôdas as fórmulas do seu critério de govêrno num plano restrito de manifesta insuficiência, perante problemas políticos, sociais e militares que demandavam argúcia em ser equacionados, prontidão e rapidez para serem resolvidos.

A impotência da Democracia, já manifesta no período que decorre entre as duas guerras, revelou-se agora completa nas circunstâncias de emergência nacional. Hesitação, erros diplomáticos, confusão de planos, largas perdas de tempo, inferioridade nas *élites* dirigentes — tôdas as manifestações de incapacidade governativa e de desorientação militar, que as conduziram, de olhos vendados, à catástrofe.

Para se salvarem, fazem os Povos apêlo como na guerra de 14 a critérios e a fórmulas que são, negação absoluta dos regimes democráticos a que havia votado tôda a sua confiança.

Os povos, sob êsses regimes, nunca deram um passo, na luta tremenda em que estão empenhados, senão através dos altos poderes com que o sistema delegou, nos Chefes de Estado ou nos seus governantes, a acção de tôda a soberania.

A máquina do Estado, rotineira, pesada, emperrada a cada passo no entrave de certas tradições políticas ou no embaraço do fatal jôgo das facções — demonstrou cabalmente a funesta diferença de ritmo entre as intenções dos dirigentes e o rendimento das engrenagens.

Os tempos presentes ultrapassaram assim largamente a Democracia, nos seus métodos de govêrno, e é já mesmo nos próprios povos, em que ela tem mais fundas raízes, que nasce e se agita um vivo

pensamento de rectificação, procurando adaptar as instituïções ao realismo das necessidades actuais.

A inquietação da opinião pública, tão manifesta por vezes nesses países, não pode ter outro sentido.

Por outro lado, é evidente que no campo de certos rotatismos, que não encontram o caminho do equilíbrio, estão também surgindo sintomas que denunciam certa inquietação rectificadora. Constata-se aí um jôgo contraditório de algumas circunstâncias, contra o qual protesta a voz dos chefes que, vivendo no permanente encantamento do seu sonho, se revoltam pela incompreensão e egoísmo daqueles a quem não alvoroça igualmente o alto anseio em que arde a sua esperança.

Mais ainda que as deficiências no rendimento de certas engrenagens, choca-os talvez, como se fôsse quási um insucesso de ordem pessoal, a impossibilidade duma colectivização dos sentimentos, tentada pela sua mística de apóstolos incansáveis...

A mística constitui por certo a mais poderosa alavanca para conduzir os homens — a altos cumes — no sacrifício, nas dedicações, na renúncia de si próprios ou no esfôrço supremo da sua vontade. Todavia, é também evidente que a êsses altos cimos apenas sobem os eleitos, os que são tocados pela graça de um grande sonho nacional ou social, e só êsses; tudo o mais, se vibra com os grandes triunfos colec-

tivos, falta-lhe a disciplina interior que sempre protege e defende do abatimento nas horas difíceis.

Aquêles, que assim comungam na fé dum alto ideal, tudo oferecem e a tudo querem subordinar-se. Os outros, porém, — e são ampla maioria — não abdicam senão temporàriamente, e sob a pressão de circunstâncias especiais, dos seus «direitos», das suas «liberdades», do seu egoísmo. Para uns, na verdade, só valem as grandes razões com que os dirigentes justificam os duros sacrifícios: a necessidade duma Nação maior e duma mais vasta riqueza, obtidas pela conquista para seu proveito futuro...

Enquanto que para os outros o caminho depressa se torna demasiado longo, ante a sua espectativa inquieta. A dureza dos tempos faz com que a cristalização, que os êxitos e as paradas gloriosas a seus olhos criaram em tôrno dos chefes, resista pouco perante as dificuldades e as abdicações a que estão permanentemente sujeitos.

Resulta de aqui que, seja qual fôr a solução final desta guerra, um profundo movimento de «détente» virá a informar a marcha dos acontecimentos políticos nas nações fortemente estatizadas. Movimento que poderia mesmo atingir uma progressão de aspecto anárquico, se a essas Nações coubesse, em definitivo, a derrota; mas, em qualquer hipótese, levará a uma revisão do sistema, pois que os sacrifícios que hoje se lhe exigem, em nome da grandeza

da Nação ou da sua própria prosperidade individual futura, ou já não são necessários por terem sido atingidos com a vitória os fins apregoados, ou, no caso de derrota, se tornarão inúteis.

Assim, a pressão das necessidades da guerra está acelerando as conclusões do processo de aperfeiçoamento social. No próprio regime soviético largas e fundas são as brechas rectificadoras, que as realidades produziram, obrigando os dirigentes a sensíveis concessões sôbre o direito de propriedade, liberdade religiosa, conceito de hierarquia, etc., e que, seja qual fôr a sinceridade com que foram feitas, determinarão com certeza, no ânimo do povo russo, reacções cujo efeito será impossível evitar-se.

*

* *

Como se alongará, e por onde, a série de rectificações que a Revolução da Guerra está trazendo às idéias e às instituïções, seria de alto alcance conhecer-se desde já. Entretanto, os ensinamentos colhidos até agora frisam, duma maneira iniludível, a clara certeza da orientação. E êsse é nìtidamente, triunfantemente favorável a um novo plano do mundo, em que o Homem conquiste perspectivas de melhor se realizar na sua íntima essência e na sua missão de Homem.

Com efeito, por um lado, a liquidação do individualismo dá-se em benefício da Nação, mas duma nação que esmague os últimos feudalismos, cujas possibilidades e glórias se reflectem naqueles que a constituem; e, por outro lado, as rectificações impostas a certos estatismos manifestam-se no sentido de se garantir ao Homem um quadro seguro de desenvolvimento espiritual e material.

Desta maneira o Homem não surgirá mais no antigo conceito de Indivíduo, nem ficará escravo do agregado social. O Homem marchará no caminho da sua vocação de Pessoa Humana, isto é, justamente integrado no grupo social e na comunidade nacional.

Na escala das posições, que esta guerra lhe está conquistando, convém frisar desde já a mais alta: a sua posição universal.

Será êste, em verdade, o facto maior e de mais profundas conseqüências. Para além desta luta total e universal, só pode surgir uma civilização com características igualmente universais.

O Homem, no plano do mundo novo, será pois e em primeiro lugar *universal* — isto é, o Homem na verdadeira acepção da palavra.

À luz desta realidade terão de ser justamente equacionados os problemas da sua existência política, social e económica.

Só depois virá o conceito do Homem em relação à Nação — «meio» sagrado que lhe realiza um espírito e uma sensibilidade particulares, diferenciação eterna, tão necessária à criação dos valores humanos sôbre a terra — e, só depois, virá ainda o conceito do Homem em relação ao grupo social — «meio» também indispensável de multiplicar tôdas as suas possibilidades no trabalho e na vida.

*
* *

Quando da batalha de Inglaterra e dos alucinantes bombardeios de Londres, a revista italiana, ilustrada *Tempo*, reproduziu uma visita de Churchill às ruínas dos velhos bairros arrasados que, pelo seu vivo simbolismo, duplamente impressionava.

Churchill, de pé, no barco que o levava, mostrava-se frente ao cais e ao montão de escombros que o cercavam — braço estendido, a traçar as novas avenidas que um dia será possível rasgarem-se no local das mansardas agora destruídas pelo vendaval da guerra.

Assim, ante a catástrofe que cobre a face do globo, de todos os destroços duma época morta, também o Homem, o Homem de amanhã — instrumento de Deus — erguerá com ousadia a sua mão criadora de novos destinos...

Por cima de ruínas, por *cima de cadáveres*, é o espírito humano, mais forte pela consciência do seu

esfôrço e mais livre por ter partido as grilhetas de velhos preconceitos e tirânicos automatismos, filhos de tradições que se tornaram rotinas e entravam o plano da sua marcha — é o Homem que ousadamente visiona a traça dessas múltiplas novas Avenidas, que sôbre a terra devastada rasga a sua esperança.

Para onde vai o homem redimido pelo sacrifício, esclarecido pela sua própria tragédia, engrandecido pela sua renúncia — para onde vai êle, nessa ânsia de realizar a missão divina de que é portadora a sua consciência, à procura de novas formas de perfeição, de novos ritmos de vida no caminho da justiça?

Só o empirismo dos tempos pode responder com segurança à inquietação dos seus passos, mostrando o paralelismo do processo revolucionário com a marcha lógica de certas regras históricas.

E assim, o encadeamento das acções e reacções, que condicionam o plano das transformações do mundo, surge largamente definido e preciso em função de certos pontos de referência indiscutíveis. É êle e só êle que, nesta hora de perturbação suprema, fixa uma orientação aos nossos destinos...

Sempre, por exemplo, aos desregramentos do individualismo, correspondeu uma reacção estatista, e, aos desmandos estatistas, sucederam fórmulas de sentido contrário. Tal é a lei da História. Recordar essa e outras leis eternas, interpretar o alcance dos

seus efeitos num momento dado, prever, pôr e resolver os problemas duma época à luz do seu empirismo criador, eis no que se resume essencialmente a função da Política.

A Política, no sentido genérico e ordenador de factores humanos, retoma pois o seu prestígio nesta hora angustiante em que a formação dum «mundo novo» depende, antes de mais nada, duma restauração — *a restauração humana do Homem.*

Os abusos politicantes dum século de individualismo capitalista desenfreado geraram, como reacção, a política de nossos dias.

É tempo, porém, de se reconhecerem os perigos de certas indiferenças, que o egoísmo ou o mêdo aconselhavam.

A política, liberta de tantos velhos métodos e sistemáticas traições doutras épocas, será a poderosa alavanca de sempre, posta agora ao serviço duma nobre missão revolucionária e renovadora do mundo.

Recolhidos sôbre nós próprios, na angústia dêstes anos de meditação e estudo, propícia foi a posição para quantos quiseram entender os apelos da justiça e da paz social, que por de tôda a parte se erguem no mesmo clamor. Aquilo, porém, que a sensibilidade entendeu, só a inteligência saberá executá-lo.

Para além da meditação, impõe-se pois a acção realizadora, isto é, a *política.*

Na hora crucial em que o mundo se debate, confiemos na velha sabedoria de conduzir os homens para a esperança de se encontrar a nova fórmula de paz, a nova expressão de justiça pela qual o mundo anseia.

*

* *

Larga e difícil será a missão que a inteligência destina à técnica política para além da guerra.

Do mundo antigo não restará, no campo das realidades sociais e económicas, pedra sôbre pedra. Um esfôrço, cujas proporções não tem confronto na História, esgotou tôdas as reservas e deslocou a base de todos os sistemas económicos, com as suas aleivosias, laboriosamente arquitectadas pela experiência capitalista.

O perigo, a defesa comum, a trégua das ideologias partidárias, os anseios colectivos de vitória, ou o sentimento colectivo das humilhações, tôda a gama dos sentimentos que foram mobilizados pela luta e para a luta, batalha suprema em que as nações totalmente se empenharam — eis a alavanca revolucionária dêstes tempos, que aproximou e juntou, em feixe, tantas categorias de homens que na paz se desconheciam inteiramente, e que na paz tinham, por posição, um destino naturalmente divergente.

Uma nova coesão nacional se formou, sob a metralha ou sob o impulso magnético das horas históricas. Uma nova compreensão social se definiu também, no contacto rude das realidades trágicas ou gloriosas dêstes anos infindáveis. Por cima de todos os egoísmos dissolventes, de todos os interêsses contraditórios, de tôdas as independências dispersivas, uma certeza única surgiu, mais viva e mais fortemente dominadora, a impor as leis de uma marcha comum, de uma vida comum, de uma esperança comum: *a certeza da comunidade nacional.*

A febre dos grandes lances contribuíu para que mais se esbatessem as antinomias sociais do que quaisquer propósitos legislativos que as circunstâncias impuseram. As regras, que determinaram a *sociedade* e as regras que inspiraram a *comunidade*, tornaram-se aos poucos distintas, cumprindo-se assim o voto revolucionário de quantos lhes pressentiam a diferença de sentido.

Socialismo, corporativismo, pouco importa as fachadas denominativas ante um fenómeno que as ultrapassa a tôdas e do qual surgem duas seguras e sólidas pedras para o novo templo — o Homem, sentindo-se integrado na comunidade e a comunidade confessando os seus deveres para com o Homem.

Cumprirá à técnica política arrancar, às ruínas em que a sociedade vai ficar submersa, estas e outras

certezas em que se apoiará a estrutura moral do mundo novo.

Longe do rigorismo linear de certos métodos, que se inspiram num realismo unilateral, pois que só confessa as realidades materiais, e longe de formalismos que limitam e impedem o livre caminho dos tempos — a técnica política terá por missão encontrar as condições sociais, económicas e políticas, que o Homem, saído da catástrofe, reclama.

Numa hora em que tudo se mostra ultrapassado; em que as facções confundem as bandeiras e os antagonismos de classe cedem em face de outros imperativos mais fortes; em que de tôda a parte, das oficinas e das escolas, dos campos e das cidades, se ergue uma onda indomável e imperativa de novas perspectivas, nesta hora tudo estaria perdido e todo o sangue e tôdas as lágrimas teriam sido inúteis, se um conceito político, plástico e profundamente renovado dos interêsses do Homem não surgisse a transformar a face da terra.

Mas a dolorosa, sangrenta, trágica lição não será de todo perdida.

Surgirá então a hora da Unidade Revolucionária, entre a superficial diversidade das tendências e, por isso mesmo, sem abdicações nem constrangimentos; a hora da colaboração dos trabalhadores, sob o signo das prerogativas particulares e em harmonia com o interêsse geral; a hora das liberdades que, através da

História, afirmam o desenvolvimento espiritual e material do Homem; a hora do Homem, finalmente realidade viva, pensamento e acção, espírito e corpo — e não o mito, êsse simples mito que, algemado, o levou a tôdas as catástrofes. Porque, como frisa Carrel, *l'homme auquel s'appliquent les principes de la Révolution Française est aussi irréel que celui qui, dans les visions de Marx ou de Lénine, construira la societé future.*

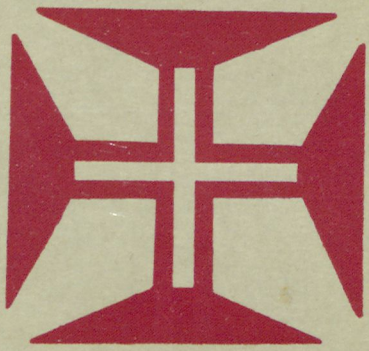
Para êsse homem real, espírito e carne, Pessoa Humana, com tôdas as suas aspirações e abatimentos, grandeza e miséria, compreensão e cegueira — para êsse Homem-Verdade — nenhuma orgânica política ou social poderá ser útil senão a que fôr impermeável e hostil a qualquer artifício. Aprendeu êle à sua custa o duro preço de certas ilusões; e reconhece agora como as instituïções são tanto mais benéficas quanto nelas fôr menos evidente e considerável o quinhão do arbítrio. Dar ao Poder grandeza pela sua origem, estabilidade pela sua continuïdade, responsabilidade pela fiscalização, limite pelas perspectivas particulares — eis o que lhe aconselha de futuro a sua experiência sangrenta, mas proveitosa.

Êle compreendeu também como haverá de ser fiel a certas regras dum conceito justo de hierarquia de valores: grandeza moral, espiritualidade e renún-

cia. E, finalmente, como será vã tôda a justiça que não assente no respeito da Pessoa Humana; porquanto, humilde verme em que ela se encarna, último degrau da grande escala dos Seres tôda a Pessoa é sagrada, porque em todo o coração palpita um anseio, suspira uma angústia e passa o eterno fulgor da lei divina que fêz o Homem centro do Mundo, e o Mundo campo de Deus.

ÍNDICE

		Pág.
Capítulo I	— Mocidade e Inquietação	7
» II	— O eixo Antero — António Sardinha e o seu prolongamento histórico. . .	19
» III	— Conformismo e Inquietação	37
» IV	— Porque antepõem as novas gerações ao fenómeno político a sua inquietação de justiça?	49
» V	— Para Além da Guerra	65
	I — A Revolução da guerra. . .	67
	II — Subsistirá uma civilização especificamente europeia? . .	72
	III — O homem na hierarquia dos valores da Revolução . .	76
» VI	— O Caminho do Futuro	89
	I — Esquemas	91
	II — As lições da Guerra. . . .	100



CADERNOS DAS EDIÇÕES GAMA: N.º 2

OFICINA GRÁFICA, LIMITADA / RUA DA OLIVEIRA, AO CARMO, 8 / LISBOA